



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
CAMPUS I- SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS - PPGEL

MARIA BETHÂNIA GOMES PAES

**A PREPOSIÇÃO *NI* EM VITÓRIA DA CONQUISTA:
USOS E AVALIAÇÃO DO FALANTE**

Salvador- 2013

MARIA BETHÂNIA GOMES PAES

A PREPOSIÇÃO *NI* EM VITÓRIA DA CONQUISTA:

USOS E AVALIAÇÃO DO FALANTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Estudo de Linguagens.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma da Silva Lopes.

Salvador- 2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Paes, Maria Bethânia Gomes

A preposição *ni* em Vitória da Conquista: usos e avaliação do falante / Maria Bethânia Gomes Paes. - Salvador, 2013.

100f.

Orientadora: Norma da Silva Lopes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Campus I. 2013.

Contém referências.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Variação. 3. Língua portuguesa - Regionalismo. I. Lopes, Norma da Silva. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação.

CDD: 410

“O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano.”

Paul Valéry

MARIA BETHANIA GOMES PAES

A PREPOSIÇÃO *NI* EM VITÓRIA DA CONQUISTA:

USOS E AVALIAÇÃO DO FALANTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Estudo de Linguagens.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma da Silva Lopes.

Banca examinadora:

Orientador: _____

Prof. Dr.^a. Norma da Silva Lopes (Universidade do Estado da Bahia)

Membro: _____

Prof. Dr.^a. Cristina Carvalho (Universidade do Estado da Bahia)

Membro: _____

Prof. Dr.^a. Eliana Pitombo Teixeira (Universidade Estadual de Feira de Santana)

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amigo onipresente.

À minha família, em especial minha mãe, por sempre acreditar em mim; Bruna e Brena, por me ajudarem sempre que preciso.

A Tedy, por me incentivar desde sempre.

Aos meus amigos, por propiciarem momentos de distração importantes para a renovação de minhas energias.

Aos meus colegas de trabalho, pela compreensão nos momentos em que os dias pareciam menores.

À professora Dr.^a Norma da Silva Lopes, pela compreensão, pela paciência e pelo exemplo de que a humildade pode andar de mãos dadas com a extrema competência.

Aos professores Dr.^o Diógenes Cândido de Lima, Dr.^o Lucas Campos, Dr.^a Vera Pacheco, pertencentes ao quadro de docentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, *campus* de Vitória da Conquista. Mestres nos quais me espelho para continuar adiante na caminhada acadêmica, exemplos de que é possível ser humano e competente, ao mesmo tempo, na “selva de pedras” que nos rodeia, e por continuarem sendo “meus” professores.

Às professoras Dr.^a Cristina Carvalho e Dr.^a Eliana Pitombo Teixeira, pelas orientações direcionadas à pesquisa, na fase de Qualificação.

À professora Dr.^a Lilian Vieira Ferrari, pela colaboração com materiais de pesquisa.

Aos colegas de Mestrado, por compartilharem de minhas agonias iniciais e sempre me incentivarem a continuar.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte de mais esse projeto vitorioso em minha vida.

RESUMO

Em linhas gerais, analisa-se nesta pesquisa o uso da forma *ni*, variante da preposição *em*, nos falantes de Vitória da Conquista- BA, com o objetivo de definir os condicionamentos linguísticos e sociais da utilização da referida forma, bem como a avaliação subjetiva do falante em relação a essa variante. Para tal, foram feitos três tipos de mapeamento: considerando-se a interferência das variáveis sociais na utilização da variante *ni*, a saber, idade e escolaridade; observando-se a interferência de variáveis linguísticas, como a presença e tipo de elemento pré - nominal, valor semântico do sintagma, gênero do sintagma, função do sintagma; e analisando a avaliação subjetiva dos falantes a partir de textos que contemplam a variante *ni*. O *corpus* oral de análise é constituído por 18 entrevistas com duração média de 20 minutos, gravadas no ano de 2012 na referida cidade, com falantes estratificados por escolaridade e faixa etária. Considerando-se os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista de William Labov, buscou-se identificar as restrições linguísticas e sociais à escolha da variante *ni*. Para a quantificação dos dados, foi utilizado o programa *Varbrul*. Os resultados obtidos, ao considerar-se o tempo aparente, não possibilitaram a afirmação de que há uma mudança em curso envolvendo as variantes *em* e *ni*. Considerando-se os fatores linguísticos, conclui-se que sintagmas preposicionais sem elementos pré-nominais posteriores à posição da preposição são grandes favorecedores do uso da variante *ni*, assim como sintagmas com valor semântico de tempo e do gênero feminino. Quanto aos aspectos sociais, tem-se que os mais escolarizados usam a variante *ni* em menor proporção; os falantes da faixa etária 3, os mais velhos, são os que mais utilizaram a forma *ni*, uso esse diminuído na faixa etária dois e um, por conta de interferências sociais, o que poderia relacionar-se a fases pretéritas da comunidade em que essa forma fosse de uso mais geral, hipótese inicial deste trabalho. Quanto à avaliação da variante *ni*, os informantes apresentaram posicionamentos negativos quanto ao uso da mesma, não se dando conta, porém, que fazem uso dessa forma. A pesquisa confirma, portanto, a tese elaborada por Labov (2008 [1972]) referente aos mecanismos de variação e mudança linguística, já que a variação observada mostra-se relacionada a pressões internas estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Avaliação do falante.

ABSTRACT

In general, this research analyzes the use of the *ni* form, a variant of the Portuguese preposition *em*, spoken in Vitória da Conquista, Bahia, with the goal of defining the linguistic and social constraints on the use of that form, and the subjective evaluation of the speaker concerning to this variant. To this end, it had been made three types of mapping: considering the interference of social variables in the use of the variant *ni*, namely age and education; observing the interference of linguistic variables, such as the presence and type of element nominal value semantics of the words, the phrase gender, function of the phrase, and analyzing the subjective evaluation of speakers from texts that include the variant *ni*. The analysis of oral corpus consists of 18 interviews lasting on average 20 minutes, recorded in 2012 in that city, with speakers stratified by age and education. Considering the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistics variationist William Labov, we sought to identify the linguistic and social constraints to the choice of *ni* variant in Vitória da Conquista. To quantify the data, we used the *VARBRUL* program. The results, when considering the apparent time, did not allow the claim that there is a shift underway involving *em* and *ni* variants. Considering the linguistic factors, we conclude that prepositional phrases without nominal elements after the position of the preposition are main favoring of the use of the variant *ni*, as well as phrases with semantic value of time, and female gender phrases. Regarding social aspects, is that the more educated use the *ni* variant lesser extent, the speakers in the age group 3, the oldest, who are the speakers that use more the *ni* form; and this use decreases when the speaker is in the age group 2 and 1, due to social interference, which could relate to stages preterit community in this way was of more general use, the hypothesis of this study. Regarding the evaluation of variant *ni*, the informants showed negative placements on the use of it, not realizing, however, that they make use of the form. The study therefore confirms the theory developed by Labov (2008 [1972]) regarding the mechanisms of linguistic variation and change, as the variation observed appears to be related to structural and social internal pressures, both acting together.

Key-words: Sociolinguistic. Variation. Evaluation of speaker.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE MAPAS	13
INTRODUÇÃO	14
1 VARIAÇÃO E AVALIAÇÃO DA LÍNGUA: UMA QUESTÃO SOCIOLINGUÍSTICA	17
2 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	20
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
3.1 Linguística: dos pressupostos teóricos Saussureanos à visão Laboviana	24
3.1.1 Labov: em defesa da diversidade linguística	27
3.2 A Sociolinguística: respeito aos “erros gramaticais”!	28
3.2.1 Variantes e variáveis	31
3.2.2 Variação e mudança	32
3.2.2.1 Mudança linguística e a concepção da língua como fato social	33
3.2.2.2 Três questões fundamentais sobre mudança linguística	34
3.2.2.3 Mudanças e <i>evolução</i> linguística	36
3.2.2.3.1 Uma estratégia para o estudo das mudanças linguísticas em andamento	36
4 O JULGAMENTO DA VARIAÇÃO POR PARTE DOS FALANTES	41
4.1 Colonização além do território: língua e cultura dos conquistados	42
4.2 Língua, identidade e cultura	44
5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VARIANTES <i>EM</i> E <i>NI</i>	47
5.1 A preposição <i>em</i>	47
5.2 A preposição <i>ni</i> e alguns estudos sobre a variante	49
6 METODOLOGIA	52
6.1 A comunidade em questão	53
6.2 A coleta de dados	54
6.3 A constituição do <i>corpus</i>	55
6.4 As variáveis consideradas	55
6.4.1 As variáveis sociais	57
6.4.1.1 Escolaridade	57
6.4.1.2 Faixa etária	58

6.4.2 As variáveis linguísticas	58
6.5 A codificação dos dados	59
6.6 A avaliação da linguagem por parte dos informantes	60
7 ANÁLISE DOS DADOS	61
7.1 Variáveis selecionadas pelo pacote <i>Varbrul</i>	62
7.1.1 Presença e tipo de elemento pré- nominal e o condicionamento do NI	62
7.1.2 Valor semântico do sintagma preposicional e o condicionamento do NI	63
7.1.3 Gênero do sintagma preposicional e o condicionamento do NI	65
7.1.4 Idade do informante e condicionamento do NI	66
7.1.5 Informante e condicionamento do NI	68
7.2 Variáveis não selecionadas pelo <i>Varbrul</i>	70
7.2.1 Função do sintagma e o condicionamento do NI	70
7.2.2 Escolaridade do informante e condicionamento do NI	71
7.3 A avaliação da variante <i>ni</i>: as impressões dos sujeitos	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE A - Chave de codificação dos dados	94
APÊNDICE B – Ficha do informante	97
APÊNDICE C - Questionário aplicado junto aos informantes	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Variação Em/ Ni- análise geral	61
Tabela 2- Presença e tipo de elemento pré- nominal e o condicionamento do <i>ni</i>	62
Tabela 3- Valor semântico do sintagma preposicional e o condicionamento do <i>ni</i>	64
Tabela 4- Gênero do sintagma preposicional e o condicionamento do <i>ni</i>	65
Tabela 5- Idade do informante e o condicionamento do <i>ni</i>	66
Tabela 6- Informante e condicionamento do <i>ni</i>	68
Tabela 7- Função do sintagma preposicional e o condicionamento do <i>ni</i>	70
Tabela 8- Escolaridade do informante e o condicionamento do <i>ni</i>	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Variação Em/ Ni- análise geral	61
Gráfico 2 - Presença e tipo de elemento pré- nominal e o condicionamento do <i>ni</i>	63
Gráfico 3 - Valor semântico do sintagma preposicional e o condicionamento do <i>ni</i>	65
Gráfico 4 - Gênero do sintagma preposicional e o condicionamento do <i>ni</i>	66
Gráfico 5- Idade do informante e o condicionamento do <i>ni</i>	67

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização da cidade de Vitória da Conquista no mapa da Bahia	53
-------------------------------------------------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A preposição *em* denota valores como lugar, situação, tempo, modo, destinação, nova natureza de um ser e estado na Língua Portuguesa, conforme Bechara (2009, p. 315-316). Cunha e Cintra (2001, p. 555) conceituam a classe das preposições como “as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração [...]”. Em orações como “Estarei em Salvador amanhã.”, ou ainda “Pagarei em espécie.”, têm-se informações acerca do lugar/modo relacionado ao sujeito desinencial *eu* e locução adverbial *em espécie*, respectivamente. No que se refere ao Português Brasileiro- PB- é comum na fala espontânea dos falantes o uso da forma *ni* como variante da preposição *em*. Ferrari (20012 [1997], p. 121) afirma tratar-se de uma variante já citada em estudos dialetológicos, relacionada ao falar rural, mas presente no falar de várias partes do Brasil, inclusive em centros urbanos.

O interesse do presente estudo surgiu da observação de uma notória ocorrência do *ni*, uma variante da preposição *em*, em Vitória da Conquista, localizada no sudoeste baiano, como também da variedade do perfil dos usuários da forma. Nota-se um uso recorrente da referida variante nas produções orais de pessoas nascidas naquela cidade, de diversos grupos sociais ou do nível de escolaridade. São observadas realizações, a exemplo de:

- (1) De olho *ni* uns cursos técnicos. (De olho *em* uns cursos técnicos.) [informante r; faixa etária 1; ensino Fundamental]
- (2) Nem *ni* meu noivado foi. (Nem *em* meu noivado foi.) [informante b; faixa etária 1; ensino Médio]
- (3) Ela, *ni* uma semana, resolveu sair. (Ela, *em* uma semana, resolveu sair.) [informante j; faixa etária 1; ensino Superior]

A importância dessa investigação linguística está no fato de sua realização possibilitar o conhecimento da comunidade, bem como apontar e compreender os elementos que favorecem as variações da preposição EM na população estudada. O procedimento de conhecer a comunidade e identificar os elementos propiciadores de variação é de suma importância para a compreensão do mecanismo linguístico, em especial a Língua Portuguesa,

uma vez que as variações percebidas nas línguas não ocorrem de forma aleatória, mas são condicionadas por algum elemento da própria língua, associado a fatores extralinguísticos.

Em linhas gerais, analisa-se neste trabalho o perfil da variação em *e ni*, nos falantes de Vitória da Conquista- BA, com o objetivo de definir os condicionamentos linguísticos e sociais da utilização do *ni*, variante da preposição. Para tal, são feitos três tipos de mapeamento: considerando-se a interferência das variáveis sociais na utilização da variante *ni*, a saber, idade e escolaridade; e a interferência de variáveis linguísticas na utilização da variante *ni*, como a presença e tipo de elemento pré - nominal, valor semântico do sintagma, gênero do sintagma, função do sintagma; e analisando a avaliação subjetiva dos falantes a partir de textos que contemplam a variante *ni*.

A Sociolinguística é tomada nesta pesquisa como pressuposto teórico- metodológico para a realização da investigação linguística em questão. Esse ramo da Linguística trata da relação entre língua e sociedade, mostrando que a linguagem tem um funcionamento dinâmico, que considera a articulação entre o comportamento linguístico e social do falante. Dessa forma, consideram-se as diferenças no uso das variantes linguísticas correspondentes às diversidades dos grupos sociais. Faz-se necessária, portanto, a discordância em relação a uma velha tendência, “a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura.” (BRIGHT, 1974, p. 18). O objetivo da pesquisa sociolinguística laboviana é analisar a diversidade linguística, sistematizando os fatores que influenciam nessa diversidade. Por isso, com base na relação entre língua e sociedade destacada pela Sociolinguística, utilizam-se entrevistas para coletar os dados de pesquisa.

Portanto, a hipótese proposta nessa pesquisa é de que há fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha da variante *ni* nas realizações dos falantes nativos de Vitória da Conquista- BA.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, algumas considerações sobre variação e avaliação linguísticas, e suas implicações, serão apresentadas; o percurso histórico da formação do Português Brasileiro, importante para o entendimento de alguns fenômenos de variação linguística, é o foco do segundo capítulo; será discutido, no terceiro capítulo, o aporte teórico tomado como base para a interpretação dos dados obtidos na pesquisa; o julgamento da variação por parte dos falantes é o título do quarto capítulo;

considerações sobre a preposição *em* e a forma *ni* e estudos anteriores envolvendo essa variante serão explorados no quinto capítulo; a metodologia adotada na pesquisa e suas implicações serão assuntos do sexto capítulo; no sétimo capítulo, faz-se a análise dos dados e considera-se a questão da avaliação subjetiva do sujeito acerca da variação, a partir dos questionários aplicados aos informantes. Por fim, apresentam-se as Considerações Finais a respeito de todo o trabalho.

1 VARIAÇÃO E AVALIAÇÃO DA LÍNGUA: UMA QUESTÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade, quando não com veemente resistência. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.13)

A linguagem e o homem estão ligados pela necessidade que o ser humano tem de comunicar-se, pois é por meio das diversas relações estabelecidas com o mundo, utilizando-se da língua, que o ser humano firma-se como cidadão efetivo no ambiente em que vive. O objetivo do falante é interagir socialmente, lançando mão das vivências e dos conhecimentos adquiridos em sua realidade, fatores que são refletidos na comunicação social. Porém, a comunicação não pressupõe a utilização de padrões linguísticos prescritos em uma gramática tradicional, que prescreve padrões linguísticos normativos.

Há, no entanto, uma classificação social dos “tipos de língua”, observados na experiência comunicativa dos indivíduos: a norma culta marca a comunicação de falantes pertencentes às camadas mais prestigiadas no seio social e que têm acesso à escola; e a norma popular, um resultado das experiências comunicativas dos falantes marcadas por variações “inerentes” às camadas sociais de menor prestígio e que não têm acesso à escola. Portanto, espera-se que os territórios de prestígio, onde supostamente convivem indivíduos pertencentes às classes mais favorecidas socialmente e com grau de instrução elevado, seja o lugar da prática da norma linguística culta, enquanto que o território da norma popular seja caracterizado pelo baixo prestígio social e pelo mínimo grau de escolaridade dos falantes que ali atuam. Na verdade, os “tipos de língua” rotulados pelas impressões sociais nada mais são que variedades linguísticas.

Como bem observa Bortoni- Ricardo (2004, p. 33), a superioridade de uma variedade linguística sobre as outras é um mito que arraiga a cultura brasileira. É necessário lembrar que a língua é um instrumento identitário, parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano. Mas por que alguns falares têm mais prestígio que outros? O poder permeia essa condição. Grupos de maior poder político e econômico figuram como ditadores do que vale mais na sociedade e, por conseguinte, as variedades contempladas por esses grupos são

classificadas como mais corretas, inclusive pelos indivíduos que compõem as camadas sociais de menor prestígio. Conforme Bortoni- Ricardo (2005, p. 13) “é interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética.” Assim, o prestígio de algumas variedades linguísticas nada tem a ver com uma superioridade de determinadas variedades em sua essência, mas é resultado de articulações políticas e econômicas construídas historicamente. Um dos propósitos da presente pesquisa é observar o *status* atribuído à variante *ni*, tomando-se os dados dos falantes de Vitória da Conquista.

A pré-definição do perfil social dos falantes de uma língua, tomando-se a prevalência da norma culta ou da norma popular em suas atividades comunicativas, configura o preconceito linguístico. Para Bagno (2003), trata-se, na verdade, de um preconceito social, uma vez que há a rotulação de indivíduos de acordo às práticas linguísticas que desenvolvem, e tornou-se algo natural e aceitável discriminar alguém pelo modo como expressa a língua.

Percebe-se nas práticas linguísticas cotidianas, porém, que as normas supracitadas não têm um lugar social fixo. Realizações do tipo “a menina que entrou *ni meu lugar*” (informante j- faixa etária 1- escolaridade Superior), que comumente são utilizadas por indivíduos de grupos menos prestigiados socialmente, são observadas em indivíduos com nível universitário, grupo em que se espera o uso da norma culta. Tem-se a variante NI, estigmatizada por não ser prevista na fala escolarizada, utilizada por grupos cuja fala se aproxima da norma culta. Sobre isso, Bortoni- Ricardo (2005, p. 14) afirma que

O prestígio do português culto, padronizado nas gramáticas e dicionários e cultivado na literatura do mais diversos domínios institucionais da sociedade não restringe, como seria de esperar, aos grupos de seus usuários: ao contrário, perpassa todos os segmentos sociais. Varia apenas a sua manifestação, em função do acesso diferenciado que esses grupos têm às normas que funcionam como um quadro referencial da correção e propriedade linguística. (BORTONI- RICARDO, 2005, p.14)

Observa-se, portanto, que a língua não é algo abstrato, pronta a ser usada com cuidado para que não haja “estragos” em seus componentes. Ao contrário, a língua é concreta, e sua sobrevivência depende de sua manipulação por parte dos falantes, os quais também possuem

características individuais próprias e inserem-se em grupos com características que os diferem dos demais grupos existentes em uma sociedade dinâmica e complexa. E algo acessado por vários dificilmente não sofrerá modificações.

Além disso, as próprias sociedades modernas enfrentam estruturalmente um processo amplo de mudança, o que, de acordo com Hall (2011[1992], p. 7), abala os parâmetros de referência que propiciavam ao indivíduo um papel estável no meio social.

Conforme Hall (2011[1992], p. 9)

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2011[1992], p. 9)

E a descentração das identidades modernas provocada por esse processo é que propicia, por exemplo, a chamada “invasão de territórios”, os quais eram, tradicionalmente, muito bem definidos e bem delimitados no passado.

Portanto, não cabe posicionar o indivíduo no mundo social apenas segundo a norma linguística observada em sua prática comunicativa, uma vez que norma culta e norma popular podem figurar conjuntamente, sejam quais forem as variantes sociais consideradas. À Sociolinguística, como bem destaca Calvet (2002[1993], p. 69) o que importa é o comportamento social provocado pela norma linguística espontânea, a qual “pode desenvolver dois tipos de consequências em relação aos comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram a sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros.” (CALVET, 2002[1993], p. 69).

2 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento. No Brasil, este vetor se encontrou com outras forças que reforçavam e expandiam a direção original (NARO E SCHERRE, 2007, p. 47).

O Português Brasileiro, doravante PB, é alvo de muitos estudos por linguistas brasileiros e ao redor do mundo. Tal interesse pode ser atribuído ao fato de tratar-se de uma variedade da língua portuguesa diferente da praticada em Portugal. Segundo Bortoni- Ricardo (2005, p. 31- 32), análises do falar brasileiro indicam que o português de Portugal constitui apenas uma das influências da prática linguística no território tupiniquim, uma vez que traços de línguas crioulas e indígenas são comumente encontrados no PB. A autora ainda ressalta que as principais diferenças entre o falar urbano do Português Brasileiro e do de Portugal situam-se, principalmente, na fonologia e no léxico, tendo o PB um notável acervo lexical proveniente das línguas indígenas e africanas. Atentar-se ao percurso histórico da formação do Português Brasileiro, pois, é relevante para a compreensão de alguns fenômenos de variação linguística.

Naro e Scherre (2007, p. 25) resumem a origem do Português Popular do Brasil com a expressão “confluência de motivos”, oriunda de forças de origem européia, dos continentes americano e africano, descartando, porém, que tal contexto histórico tenha dado origem a um suposto crioulo de base lexical portuguesa, uma língua praticada por uma comunidade, surgida em contextos específicos a partir de modelos de segunda língua.

A nação portuguesa, a qual colonizou o Brasil após “encontrá-lo” em seu caminho para a Índia, impôs um eficaz instrumento de poder, sua língua, aos povos que habitavam ou viessem habitar o Novo Mundo. E já na época do “descobrimento” do Brasil, a língua de Portugal teria sido alvo dos rumos da história. Naro e Scherre (2007, p. 26) lembram a presença de árabes no território lusitano entre os séculos VIII e XI, além do contato direto dos portugueses com povos da Europa, do Norte da África e do Oriente Médio durante toda a Idade Média por conta das Cruzadas. Tais acontecimentos exigiram o desenvolvimento de alguma estratégia linguística que propiciasse a comunicação em meio a tantas línguas de contato, originando o *sabir*, sistema verbal de base lexical românica, flexível, de forma que os itens lexicais de diversas línguas românicas pudessem a ele se adequar.

Assim, quando os primeiros contatos entre Portugal e Brasil ocorreram, no século XVI, os portugueses já haviam desenvolvido uma estratégia de comunicação com estrangeiros, que consistia em um sistema verbal utilizado durante as primeiras explorações na África Ocidental, a qual, segundo Naro e Scherre (2007, p. 27) foi denominado “língua de preto”.

Documentações referentes à língua portuguesa no Brasil, como o levantamento feito por Silva Neto (1986 *apud* Naro e Scherre 2007) na década de 1950, reunido na obra *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, apontam o predomínio quase total da língua geral, um *pidgin* de origem tupi, até meados do século XVIII no território brasileiro. Conforme Naro e Scherre (2007, p. 28), índios, europeus e africanos residentes no Brasil colônia dominavam o sistema tupi, uma estratégia comunicativa que a massa da colônia portuguesa no continente americano desenvolveu para comunicar-se entre si, sendo que, a partir do século XVIII a língua portuguesa atingiu toda a população existente no Brasil, de forma predominante.

Naro e Scherre (2007, p. 29-30) sintetizam um panorama linguístico inicial, uma comunidade com línguas dos diversos grupos influenciando-se, em que se observava:

“predomínio do *pidgin* tupi, nos termos de Silva Neto (1986), ou da língua geral paulista, nos termos de Rodrigues (1996); influência mútua das diversas línguas no contexto de aprendizado do português, da língua geral e de outras línguas como segundas línguas; e de elementos *pidginizantes* vindos da Europa.” (NARO e SCHERRE, 2007, p. 30).

Soma-se a esse quadro, a população numerosa de origem africana no Brasil, a qual falava aqui línguas africanas diferentes entre si, a língua geral ou o português, sendo que a literatura não registra a existência de um *pidgin* ou crioulo de base lexical portuguesa. Alguns estudos, ainda segundo Naro e Scherre (2007) apontam que os brasileiros de origem africana faziam uso do português com uma relexificação africana, o que explica a forte influência lexical das línguas africanas no português do Brasil.

Considerando a língua como uma instituição social, faz-se imprescindível considerar variáveis extralinguísticas que contribuem para a evolução da língua e figuram como fonte explicação para a dialeção regional e social. Bortoni- Ricardo (2005, p. 31) aponta que a análise da situação linguística do Brasil implica considerar diversos fatores, destacando-se a

dualidade linguística observada no PB, que envolve: modalidade urbana *versus* modalidade rural; fluxos migratórios no século XX; os diversos estágios de desenvolvimento linguístico observado no país; a tendência emancipacionista da literatura brasileira moderna.

Considerando-se a primeira dualidade, a diferença entre língua urbana e falares regional- rurais é fruto do processo de colonização do Brasil. Bortoni- Ricardo (2005, p. 32) destaca que a língua trazida de Portugal concentrou-se nas metrópoles da colônia e centros comerciais, e o português falado no Brasil resulta dos contatos entre os múltiplos dialetos portugueses falados pelos colonos de diversas províncias de Portugal. Talvez conscientes do estigma das particularidades de cada idioleto, houve certa homogeneização linguística dos falares praticados na zona urbana, percebendo-se, conforme Bortoni- Ricardo (2005, p. 32), a redução das características mais típicas de cada dialeto.

Quanto aos falares regional-rurais - os vernáculos rurais- há um distanciamento notório da norma portuguesa, graças à influência dos adstratos indígenas e da língua de emergência criadas pelos negros adultos, o *pidgin*. Os negros vindos da África, independente de dominarem ou não o dialeto crioulo português, ficavam nas cidades ou eram enviados para o interior. Quando nas cidades, adaptavam-se às línguas dos brancos rapidamente; no interior, em contato com os brancos, negros e índios, os africanos desenvolviam *pidgins* juntamente com esses povos. Os *pidgins* desenvolvidos eram influenciados cada vez mais pela cultura portuguesa, a dominante, e também pelos grupos africanos, que já não eram homogêneos culturalmente em suas origens. Bortoni- Ricardo (2005, p. 33) afirma que os *pidgins* temporários resultaram nas variações percebidas, por exemplo, na concordância entre sujeito e verbo, uma vez que, frente à redundância observada na língua de Portugal, os *pidgins* direcionavam-se para o reducionismo flexional, traço que é característico dessa língua de emergência.

Os processos migratórios ocorridos, aliados à difusão dos meios de comunicação de massa, expuseram aos grandes centros urbanos do Brasil os vernáculos rurais que por muito tempo permaneceram recolhidos nas regiões isoladas do interior e na zona rural. Percebem-se, então, duas realidades atuando de forma antagônica na sociedade brasileira: “a padrão tradicional de redução flexional da própria língua, exacerbado pela situação de contato entre dialetos diferentes; por outro, a pressão do prestígio da norma culta, imposta pela ação da escola, dos meios de comunicação e do *status* das classes mais favorecidas.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 33).

Os vernáculos rurais transformam-se, então, em dialetos urbanos, e os imigrantes vindos das zonas rurais ou do interior do Brasil percebem o estigma relacionado a sua prática linguística, o que os faz substituir as formas estigmatizadas dos falares regional- rurais por sinônimos advindos da língua portuguesa. Tal comportamento favoreceu a variação linguística, observando-se, assim, a formação de um dialeto popular. As distinções entre as múltiplas variedades acentuam-se, juntamente com o esforço da escola e dos meios de comunicação em padronizar o uso da língua.

Bortoni- Ricardo (2005, p. 34) chama atenção, ainda, que a tendência emancipacionista da literatura brasileira também é responsável pela variação linguística no Brasil. Os artistas da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, romperam com a tradição de expor suas idéias seguindo os cânones, passando a literatura brasileira daquele momento a caracterizar-se pelo emprego das formas linguísticas presentes no dialeto popular.

De acordo com Bortoni- Ricardo (2005, p. 35-36), pode-se então estabelecer um quadro da língua portuguesa no Brasil representado pela distinção entre os seguintes conceitos: vernáculos rurais, língua urbana, língua literária e língua social. Seguem as principais características desses conceitos:

- Vernáculo - variedade marcada pela influência da língua geral tupi usada como língua franca no litoral brasileiro até a segunda metade do século XVII; por traços do pidgin desenvolvido nas comunidades escravas; por traços do português arcaico.

- Língua urbana - inclui diversas modalidades estratificadas da língua, utilizadas nas zonas urbanas, na fala e na escrita. Tais modalidades vão desde as variedades populares até as variedades cultas, usadas a depender do perfil social do indivíduo.

- Língua literária - Apesar de conservar-se muito próxima à língua oficial, distanciou-se dela a partir da Semana de Arte Moderna, rejeitando, aos poucos, os preceitos normativos estranhos à realidade linguística brasileira; no entanto, está longe de contemplar os falares populares.

- Língua oficial – variedade de língua descrita na gramática normativa, utilizada em documentos oficiais, distante da realidade linguística oral e literária do Brasil por basear-se em escritores não contemporâneos.

Percebe-se, assim, que a dinâmica social complexa do Brasil, desde sua formação, influencia diretamente no comportamento sócio- linguístico brasileiro, como visto até hoje.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O estruturalismo na linguística foi construído, portanto, sob a recusa em levar em consideração o que existe de social na língua, e se as teorias derivadas desses princípios são evidentemente uma contribuição importante ao estudo geral das línguas, a sociolinguística [...] teve de tomar o sentido inverso dessas posições. [...] Será preciso na prática esperar por William Labov para encontrar a afirmação de que, se a língua é um fato social, a linguística então só pode ser uma ciência social [...]. (CALVET, 2002[1993], p. 12)

Os estudos linguísticos atuais demonstram uma perspectiva diferente do cenário passado de pesquisas relacionadas ao campo linguístico. A linguagem, tomada sob o ponto de vista gramatical por parte dos gregos, passando pelos filólogos, comparativistas e neogramáticos era investigada considerando-se o caráter histórico das línguas, de acordo com Camara Jr. (2011[1975]). Apesar de os estudiosos dessa época não delimitarem um objeto de estudo, restringiam suas atividades à análise de escritos, a língua literária. O grande avanço na investigação do desenvolvimento da língua ao longo da história ocorreu no século XIX, justamente quando foi lançado um novo olhar sobre o suposto objeto, até então.

Ainda conforme Camara Jr. (2011[1975]), os estudiosos perceberam que as mudanças observadas nos textos escritos de vários períodos, responsáveis pelas mudanças no latim, por exemplo, poderiam ser compreendidas através das mudanças ocorridas na língua falada correspondente ao longo da história. E é o estudo da língua falada que ocupa prioritariamente os trabalhos da Linguística moderna, apesar de a mesma ocupar-se também da expressão escrita.

Neste capítulo, será apresentado um breve panorama dos estudos linguísticos, desde o momento em que a Linguística foi instituída como ciência até os estudos labovianos, um marco do surgimento da Sociolinguística e, conseqüentemente, da cristalização da ideia de que a variação é inerente à língua, resultado das experiências dos indivíduos com a língua em suas relações com o mundo social.

3.1 Linguística: dos pressupostos teóricos Saussureanos à visão Laboviana

No início do século XX, um estudo de Ferdinand de Saussure, organizado por seus alunos Bally e Sechehaye, foi publicado sob o nome de *Curso de Linguística Geral*, em 1916.

Tal trabalho foi um marco para os estudos linguísticos, uma vez que, a partir de então, a investigação sobre a linguagem, a Linguística, assumiu *status* de estudo científico.

A partir das ideias de Saussure, novas perspectivas de estudos linguísticos surgiram, proporcionando formulações e reformulações das diversas possibilidades de abordar a ciência linguística. Estudiosos como Bakhtin, Chomsky e Labov apresentaram reflexões linguísticas a partir das considerações saussureanas (cf. Saussure, 2006 [1916], p. 15-18), criando novas formas de entender o objeto da linguística, a língua.

As propostas atribuídas a Ferdinand de Saussure, publicadas no século XX, dialogavam com as exigências positivistas que vigoravam no cenário científico da época, uma vez que apresentavam conceitos, objetivos e pressupostos bem definidos para o estudo da linguagem. Os conceitos saussureanos e suas dicotomias, como língua *versus* fala, sincronia *versus* diacronia, significado *versus* significante, sintagma *versus* paradigma, tornaram-se norteadores para os diversos estudos linguísticos contemporâneos. Para fins de reflexões, serão abordadas, a seguir, duas questões tratadas no Curso de Linguística Geral (2006 [1916]): a língua como objeto da Linguística e a língua sob o ponto de vista sincrônico, seguidos dos posicionamentos de estudiosos da linguagem, como Bakhtin, Chomsky e Labov.

Considerando-se a dicotomia língua *versus* fala, Saussure (2006[1916]) apresenta a língua como objeto da Linguística e a define como um sistema de signos, constituídos por significante e significado. A língua seria para esse estudioso um fruto da convenção social, homogênea, coletiva e imutável, portanto pré-existente ao falante. Seria essa característica a prova de que a língua, apesar de convencional, não é organizada logicamente, sendo um sistema transmitido ao longo das gerações pelos sujeitos- falantes, inconscientes dos processos linguísticos, como afirma Saussure (2006[1916], p. 85- 88) ao tratar da imutabilidade dos signos.

Por entender a fala como heterogênea e assistemática, Saussure (2006[1916]) considera essa parte da dicotomia impossível de ser analisada. Não negou, porém, a interdependência entre língua e fala e o fato de as mudanças na língua serem propiciadas pela forma oral, afirmando que

[...] esses dois objetos são estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. [...] é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que

faz evoluir a língua; são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos lingüísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 27)

Para Saussure (2006[1916]), o estudo estruturalista da língua não poderia ser feito no molde histórico-comparativo, diacronicamente, portanto. O linguista entende que a língua deve ser analisada sincronicamente, considerando-se um momento histórico e não a ação do tempo. Essa sua visão atribuiu à língua um caráter estático.

Muitos estudiosos da linguagem utilizaram-se das reflexões saussureanas, fundadoras da ciência linguística, e acabaram por questionar as idéias de Saussure. Bakhtin foi um dos autores que se posicionou de forma contrária à proposta saussureana. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2010), Bakhtin afirma que a língua não é homogênea nem tampouco um sistema imutável adquirido pelos indivíduos através das gerações e impossível de ser modificado.

Bakhtin (2010) também discorda do posicionamento de Saussure em relação ao sujeito. O “sujeito saussureano” não modifica o sistema da língua, o que ocorre graças ao tempo, associado às forças sociais, e à fala, promotora das mudanças na língua. Bakhtin, ao contrário, conceitua o sujeito como ativo, constituindo-se na e pela língua, a qual é formada por signos ideológicos constituídos sócio-historicamente, bem como reflexo das mudanças sociais. Na visão desse autor, para o locutor não importa o aspecto da forma linguística, mas as novas significações que ela assume a depender do contexto diante do receptor. A palavra sem significações, desprovida de aspectos ideológicos, é apenas um sinal, uma entidade normativa, esse, sim, de conteúdo imutável. Não substitui, não reflete. É apenas um instrumento que designa um objeto ou um acontecimento. Para Bakhtin (2010),

[...] o elemento que torna a forma linguística um signo não é a sua identidade como sinal, mas a sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a descodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo (BAKHTIN, 2010, p.97).

Assim, não é a fala o objeto de estudo das investigações acerca da linguagem feitas por Bakhtin (2010), e, sim, o enunciado, o que afirma ser algo em processo, passível de ser estudado apenas na interação verbal. Essa linha de pensamento propiciou o surgimento de uma nova linha de pesquisa, que tem o discurso como objeto de estudo, e cujo precursor é

Michel Pêcheux, estudioso que aliou a Linguística, a Psicologia e o Materialismo Histórico em suas pesquisas envolvendo o discurso.

O linguista americano Noam Chomsky (1980) norteou sua proposta teórica no sentido de tentar descrever e explicar de forma abstrata a natureza e o funcionamento da linguagem humana, afirmando ser a linguagem uma faculdade inata ao ser humano, algo dos domínios da genética que permite ao homem entender e falar seu sistema linguístico, ao contrário de Saussure, que considera a língua como fundamentalmente social. Tais afirmações compõem o arcabouço teórico do modelo Gerativista que, por entender a língua como homogênea, acredita que apenas um informante (um falante ideal, na visão gerativista) representa todos os falantes. Chomsky (1980) ainda apresenta conceitos como competência e desempenho linguísticos, sendo o primeiro o objeto de análise do Gerativismo. Os gerativistas estudam, pois, a competência linguística dos falantes, buscando respostas sobre as regras que regem as línguas. O desempenho linguístico refere-se, na perspectiva gerativista ao uso concreto das línguas, caracterizado por desvios na exteriorização por meio da fala, os quais não são alvo de estudo dos gerativistas. Os adeptos dessa corrente de estudos linguísticos interessaram-se, inicialmente, pela sintaxe da língua. Ao longo dos estudos, o interesse do Gerativismo deixou de ser a competência linguística, passando a considerar a Gramática Universal, um conjunto de propriedades gramaticais comuns a todas as línguas naturais, portadora também de diferenças previsíveis na própria Gramática Universal.

3.1.1 Labov: em defesa da diversidade linguística

A Sociolinguística, subárea da Linguística que correlaciona língua e sociedade, tem como um dos principais expoentes William Labov. Já em meados do século XX, Labov mostra que nem o estruturalismo, nem o gerativismo seriam pontos de vista considerados para os estudos linguísticos, mas, sim, uma perspectiva que compreenda a língua em seu contexto social. Tal estudioso indica, então, uma metodologia que tem como objeto de estudo a fala, levando em conta o contexto e afirmando a possibilidade de sistematização aparente do caos linguístico que caracteriza a língua. Labov tem em seu predecessor, Meillet, fonte de estudos para defesa de sua visão acerca da língua.

Calvet (2002[1993], p. 14) destaca que Antoine Meillet (1866- 1936), discípulo de Ferdinand Saussure, afastou-se dos estudos saussureanos quando tomou conhecimento das

ideias sistematizadas de Saussure no Curso de Linguística Geral publicado por alunos de Saussure em 1916. Meillet posicionou-se de forma contrária a, pelo menos, uma das dicotomias de Saussure, aquela que distinguia sincronia de diacronia. Opôs-se também às afirmações contidas na publicação póstuma de Saussure quanto ao fato de a Linguística ter por único objeto a linguagem em si mesma, criticando o posicionamento de Saussure no estabelecimento da separação entre variações linguísticas e condições externas. Calvet (2002[1993]) ilustra bem as ideias antagônicas de Meillet e Saussure no que diz respeito ao trato da língua.

Quando Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; quando Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história. Realmente tudo opõe os dois homens tão logo os situamos no terreno da linguística geral. Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém: para ele, não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história (CALVET, 2002[1993], p. 15).

Assim, a compreensão de língua enquanto fato social, ponto-chave dos estudos de Meillet, vai de encontro aos estudos saussureanos da língua considerada em si mesma e por si mesma. E Labov (2008 [1972]) reconheceu suas ideias nas afirmações de Meillet acerca da língua, posicionando sobre as ideias de seu predecessor:

Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação linguística enquanto inserido nas transformações sociais (1921). [...] um exame aprofundado dos escritos de Saussure mostra que, para ele, o termo ‘social’ significa simplesmente ‘plurindividual’, nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais (LABOV, 1976 apud CALVET 2002[1993], p. 31).

Considerando os pensamentos de Meillet e reconhecendo a língua com participante dos processos que envolvem a sociedade, a qual está em constante transformação, Labov desenvolve a Teoria da Variação Linguística ainda na segunda metade do século XX, a qual define a língua como heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida, considerando a heterogeneidade como inerente à língua.

3.2 A Sociolinguística: respeito aos “erros gramaticais”!

A Sociolinguística caracteriza-se pelo tratamento das questões relacionadas à variação e à mudança linguística, considerando que as alterações na língua relacionam-se à dinâmica

da sociedade. É uma subárea da Linguística que supera, portanto, a teorização estruturalista da língua, uma vez que considera em seus estudos o falar natural e as formas linguísticas utilizadas pelo falante no ambiente social em que atua. É uma ciência interdisciplinar, uma vez que realiza estudos na fronteira entre língua e sociedade, voltando-se para o uso concreto da língua, sobretudo, os fatos linguísticos marcados pela heterogeneidade, conforme Mollica (2010, p. 10). Assim, o que o senso comum apregoa como erros gramaticais, a Sociolinguística valorosamente entende como variações linguísticas.

Assim, Labov (2008[1972]), ao desenvolver na década de 1960 os estudos sociolinguísticos variacionistas, assumiu uma postura científica que considera que pensar nas formas linguísticas utilizadas pelos falantes em seu convívio em determinadas situações, com diversas pessoas, implica pensar falantes inseridos em sociedades caracterizadas por inúmeros indicadores sociais (exclusão, inclusão, estabilidade, mobilidade) que condicionam a fala de uma comunidade e favorecem a variação linguística, graças à “variação” presente nas relações sociais. A linguística laboviana tornou-se sinônimo do estudo de variação e mudança linguísticas, e o sociolinguista interessa-se justamente em sistematizar a heterogeneidade, a fim de explicar o fenômeno da variação linguística em uma comunidade de fala.

As modificações observadas na língua ocorrem, dessa forma, a partir das alterações sociais. E tais alterações sociais põem em contato grupos de falantes com diferentes variedades linguísticas, realidade responsável pela formação da base dialetal de uma comunidade social.

Tarallo (2007) considera ser visivelmente frequente a ocorrência do fenômeno da variação em toda comunidade de fala. Ainda segundo o sociolinguista, a essas formas de variação dá-se o nome de variantes. Em uma determinada comunidade, um conjunto de variantes recebe o nome de variedade linguística. As variantes estão em um processo contínuo de concorrência, disputa que é promovida pelas comunidades de fala, as quais usam a língua inserida em grupos distintos e permeada por diferenças sociais no convívio da comunidade.

A Sociolinguística, pois, propõe-se ao estudo das correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes, que correspondem às várias formas de dizer algo atrelado a determinados fatores sociais, como classe socioeconômica, escolaridade, sexo, etnia, entre outros. Segundo Mollica (2010, p. 11), a constatação da variação linguística permite concluir

que a variação na língua não ocorre de forma aleatória, mas sistematiza-se graças a uma organização de inúmeros fatores estruturais e sociais, os quais utilizam padrões de comportamento observáveis. Todo esse processo ocorre em uma comunidade de fala que formaliza a variação por meio de um sistema heterogêneo de unidades e regras variáveis, relacionado às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala, que são chamados de “análise sincrônica e diacrônica”. Nesse sentido, a perspectiva sociolinguística difere-se da visão estruturalista da língua, pois considera que a análise sincrônica deve fundamentar-se no conceito de língua enquanto um sistema de regras variáveis, em que um contínuo processo de variação e mudança opera na estrutura linguística. De acordo com Silva (2012 [2009, 27]), no entanto, ao romper com os limites impostos pela análise estruturalista, a sociolinguística não nega as contribuições que essa análise oferece para a compreensão dos fatos linguísticos, partindo do pressuposto de que a mudança no tempo tem relações com a variação sincrônica e que essa variação está relacionada com os aspectos da estrutura linguística.

Assumindo a perspectiva de que é impossível entender o desenvolvimento de variação e mudança linguísticas fora da vida social da comunidade, já que pressões sociais estão continuamente operando sobre a linguagem, Labov (2008[1972]) se propõe, então, a “considerar de modo mais geral os meios pelos quais os estudos da língua e o estudo da sociedade podem interagir” (LABOV, 2008, p. 139 [1972]).

Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) sintetizam bem a teoria da mudança linguística quando escrevem que:

Em sua forma forte, a teoria preveria, com base numa descrição de uma língua em algum período de tempo, o curso de desenvolvimento que tal língua seguiria dentro de um intervalo específico. [...] Numa versão mais modesta, uma teoria da mudança linguística afirmaria simplesmente que toda a língua constantemente sofre alteração, e formularia fatores condicionantes sobre a transição de um estado da língua para um estado imediatamente sucessivo. Além disso, ela poderia prever que nenhuma língua assumirá uma forma que viole os princípios formais postulados como sendo universais nas línguas humanas. Sem predizer positivamente o que acontecerá (exceto que a língua de algum modo vai mudar), esta teoria ao menos afirmaria que algumas mudanças *não* ocorrerão. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p. 34- 35).

Compreende-se, portanto, que a teoria da mudança tem como objetivo, além de identificar o que mudou na língua, sistematizar tais mudanças de forma que consiga afirmar o porquê da mudança e como ela ocorreu, considerando-as sob o ponto de vista sincrônico (tempo aparente) e diacrônico (tempo real). Por meio dos estudos variacionistas, é possível verificar se alguns mecanismos que operaram para produzir variações linguísticas e mudanças no passado podem estar operando nas mudanças correntes, conforme Labov (2008 [1972]), além de constatar se a observação do passado pode fornecer indícios para explicar o presente, o que é chamado de princípio da uniformidade. Assim, tal princípio prevê que as tendências de variação ou mudança que atuam na fase atual de uma língua são as mesmas que atuaram em sincronias anteriores e continuarão a ocorrer em estágios posteriores. Ou seja, investiga-se o momento presente, recorre-se ao passado para o encaixamento histórico das variantes, e retorna-se ao presente para a conclusão da análise. A análise diacrônica de uma variante permite o encontro de respostas para a variação que ocorre no presente.

3.2.1 Variantes e variáveis

Variantes linguísticas são as formas alternativas que configuram um fenômeno linguístico variável e compõem o fenômeno universal da variação linguística, conforme Mollica (2010, p. 10). A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é um fenômeno variável, chamado de variável dependente. Tem-se aqui uma variação formada por duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes como em: *Nós vamos para a festa.* X *Nós vai para a festa.* As variantes nesse caso são, portanto, a marca de concordância no verbo *versus* a ausência da marca de concordância.

Ainda de acordo com Mollica (2010, p. 11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes), de natureza social ou estrutural”. Assim, o fenômeno da variação não ocorre por acaso, mas devido a alguma interferência de grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos nos usos da língua. As variantes podem se alternar no sistema por curtos espaços de tempo ou durante séculos, até que a mudança se concretize,

quando uma variante figura em definitivo nos discursos dos falantes em relação às outras com as quais coexistia.

É reservada à Sociolinguística a tarefa de observar o grau de estabilidade e mutabilidade da variação, identificar as variáveis e seus efeitos sobre os usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, a variação e a mudança são contextualizadas e os condicionamentos que permitem o emprego de formas variantes são vários, agem simultaneamente, podendo emergir de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos. No conjunto de variáveis internas ao sistema, estão os fatores de natureza fonomorfológicos, semânticos, discursivos e lexicais, os quais, segundo Mollica (2010, p.12) referem-se às características da língua em várias dimensões. As variáveis externas da língua dizem respeito aos fatores relacionados aos indivíduos, à sociedade e ao contexto, como, por exemplo: etnia, sexo; escolarização, classe socioeconômica, profissão; grau de formalidade, tensão discursiva. Os primeiros referem-se a características próprias dos falantes, e os seguintes são tidos como circunstanciais, envolvendo alternadamente o falante e os eventos de fala.

Toda língua apresenta variantes mais prestigiadas que outras, e os estudos sociolinguísticos têm se voltado para a análise da variação, considerando a avaliação que a comunidade faz das formas linguísticas utilizadas. Tal avaliação produz, na maioria dos casos, o chamado preconceito linguístico, que consiste no desprezo dos usos linguísticos próprios dos estratos sociais que têm menor prestígio em um sistema social. O estigma linguístico e a mobilidade social constituem temas que também são levados em conta nos estudos sociolinguísticos, uma vez que as práticas pedagógicas são influenciadas pela avaliação linguística, a qual é determinada por aqueles que têm maior prestígio social.

3.2.2 Variação e mudança

Tarallo (2007) inicia suas reflexões sobre variação e mudança com o seguinte questionamento: “contemporização ou morte?”. O autor refere-se ao fenômeno da mudança linguística, que obrigatoriamente é precedido da variação, e ressalta que “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto,

não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!” (TARALLO, 2007, p. 63). Para o autor, as análises das variantes envolvidas em um processo de variação envolvem duas etapas distintas: uma referente à coexistência das variantes nos discursos dos sujeitos; e outra que se relaciona ao momento em que figuram nos discursos dos sujeitos como em uma espécie de batalha, na qual vale a permanência de uma das variantes no repertório de uma comunidade de fala, caracterizando a mudança em progresso. Os grupos de fatores condicionantes, linguísticos e extralinguísticos, de forma associada, determinarão qual das variantes vigorará em absoluto no seio de uma comunidade linguística.

Segundo Tarallo (2007, p. 64), a explicação sobre o porquê de o sistema variar em um determinado momento sincrônico pode ser entendida se observado o seguinte princípio da tradicional linguística histórica: “a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração” (TARALLO, 2007, p.64).

De acordo com Labov (2008 [1972]), a investigação da mudança no contexto social é considerada “terra virgem para alguns e território estéril para outros” (LABOV, 2008, p. 31 [1972]). O linguista ainda acredita que as consequências da dimensão social na língua não devem ser empecilho para os estudos sociolinguísticos, mas um incentivo para a investigação da rica fonte de estudos oferecida pela mudança linguística, que pode, muitas vezes, ser considerada como inovação da língua em uso.

Dentre as questões que levam linguistas e sociedade a se evitarem mutuamente, são citadas por Labov (2008, p. 301 [1972]) “se as funções expressivas e diretivas da língua são importantes determinadores para a mudança; se regras gramaticais altamente abstratas podem ser afetadas por fatores sociais; e se a evolução linguística é interiormente disfuncional.” (LABOV, 2008, p. 301 [1972]).

3.2.2.1 Mudança linguística e a concepção da língua como fato social

Apesar de todo linguista reconhecer que a língua é um fato social, Labov afirma que o enfoque dado aos fatores sociais nas mudanças linguísticas depende da definição de língua que esses estudiosos consideram. Assim, aqueles que focalizam a comunicação da informação

cognitiva ou referencial se apegarão mais ao indivíduo, enquanto que aqueles que consideram os usos afetivos e fáticos da língua levarão em conta as questões sociais.

Mesmo reconhecendo que os linguistas históricos defenderam uma política associal da língua, no século XIX, é possível encontrar porta-vozes da importância dos fatores sociais na língua, como Whitney, o qual afirmava:

A fala não é uma posse pessoal, mas social; ela pertence, não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade. (WHITNEY 1901, p. 404 apud LABOV, 2008[1972], p. 302)

Whitney enfatizava, ainda, a função comunicativa num sentido social, em detrimento da primazia das idéias:

O homem fala, portanto, primordialmente, não com o intuito de pensar, mas de transmitir pensamento. Suas necessidades sociais, seus instintos sociais, forçam-no à expressão. (WHITNEY 1901, p. 401 apud LABOV, 2008[1972], p. 302)

Há linguistas que associam a mudança linguística à preguiça ou descuido do indivíduo. Para Hermann Paul, a abordagem individualista liga-se à mudança linguística, o que é percebido na maioria das atuais teorias. Esse autor considera a diversificação da língua como algo óbvio e transparente, uma vez que, “(...) é uma verdade inegável de que cada indivíduo tem sua própria língua, e cada língua tem sua própria história (...)” (PAUL, 1889, p. 23 *apud* LABOV, 2008[1972], p.303). Corroborando Paul, Sweet (1900 *apud* LABOV 2008[1972], p. 303) aponta que todos os princípios da mudança geral estão subordinados ao que considera a principal função da língua, a expressão das idéias, acreditando ser a língua a expressão do pensamento mediada pelos sons e pela fala.

3.2.2.2 Três questões fundamentais sobre mudança linguística

A fim de se engajar num estudo do contexto social, que seja contrário ao pensamento moderno que prioriza a comunicação de “ideias” em detrimento da comunicação afetiva ou social, é necessário levar em conta três questões sérias que devem ser respondidas:

- a. O lugar da variação social

A variação social e estilística, segundo Labov (2008[1972], p.313), “pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social”. Assim, o “social” pode ser entendido como os traços da língua caracterizadores de vários subgrupos inseridos numa sociedade heterogênea, enquanto que a estilística relaciona-se às escolhas linguísticas do falante de acordo com o contexto do ato da fala;

b. O nível da abstração

Refere-se à possibilidade de fatores sociais afetarem regras fonológicas e gramaticais abstratas. Labov (2008[1972], p. 315) afirma que, mesmo admitindo-se que os fatores sociais alterem a fonética e o vocabulário da língua, é fato que mudanças linguísticas em regras de nível mais alto configuram um reajuste interno ao sistema;

c. A função da diversidade

Refere-se ao questionamento acerca de alguma função adaptativa da língua. Foram feitas analogias entre a evolução linguística e biológica, destacada pelo próprio Darwin que as considerava ‘curiosamente’ paralelas. Sobre isso, fez a seguinte afirmação:

Uma luta pela vida está ocorrendo sem parar entre as palavras e as formas gramaticais em cada língua. As formas melhores, mais curtas, mais fáceis estão constantemente passando à dianteira, e elas devem seu êxito a sua própria virtude. (DARWIN, 1871 *apud* LABOV [1972], 2008, p. 315)

No entanto, as línguas não parecem ter ficado melhores. À exceção do desenvolvimento do vocabulário, não é possível afirmar que houve adaptação em nenhuma área da língua. A diversificação das línguas não é funcional, como se pode considerar a diversificação das espécies, pois não há benefícios em o indivíduo não ser capaz de entender outras línguas, e o tempo de aprendê-las não implica a sobrevivência da língua materna.

De acordo com Labov (2008[1972], p. 316), no geral, os linguistas consideram o princípio de que a diversificação da língua resulta dos efeitos sistemáticos e destrutivos da mudança sonora e à ruptura da comunicação entre grupos isolados, desconsiderando, assim, o paralelismo entre evolução linguística e biológica e amparando-se na idéia conservadora de Chomsky - Martinet de que a comunidade de fala imutável é o ideal para a língua e que a heterogeneidade reduz o poder comunicativo dos indivíduos. Labov (2008[1972], p. 316) rejeita tal conclusão, considerando-a “pouco atraente e muito irrealista”.

3.2.2.3 Mudança e *evolução* linguística

O sentido de evolução linguística, para Labov, remete aos estágios pelos quais a língua passa graças aos fatos sócio-históricos dos quais participa ativamente. Não há, no termo, uma carga semântica de melhoramento, mas de evolução como possível transformação, uma vez que a teoria da mudança linguística não necessariamente prediz positivamente o que vai ocorrer, mas afirma que, de alguma forma, a língua sofrerá mudanças, e que algumas mudanças, categoricamente, não ocorrerão, conforme Weinreich, Labov, Herzog (2006[1968], p.35)

Labov (2008[1972]) destaca que, apesar dos esforços e conquistas atribuídas à linguística histórica do século XIX, ainda são muitos os problemas centrais da evolução linguística, os quais são assim resumidos:

- 1- Existe uma direção geral para a evolução linguística?
- 2- Quais são os condicionantes universais da mudança linguística?
- 3- Quais as causas do surgimento contínuo de novas mudanças?
- 4- Por meio de que mecanismos as mudanças ocorrem?
- 5- Existe uma função adaptativa na evolução linguística?

Labov destaca que a abordagem da evolução linguística consiste em estudar as mudanças completadas no passado, o que configura uma estratégia da linguística histórica que responde, porém, às duas primeiras questões acima citadas. As três questões restantes são mais bem respondidas ao levar-se em conta o estudo detalhado das mudanças linguísticas em andamento.

3.2.2.3.1 Uma estratégia para o estudo das mudanças linguísticas em andamento

Apesar de um dos principais objetivos das pesquisas de Labov acerca das mudanças linguísticas consistir em encontrar as respostas para as questões supracitadas, ele não considera essa ação como uma estratégia. O linguista afirma que, para proceder ao estudo

empírico das mudanças em andamento, é necessário considerar três problemas distintos que ajudam na resolução das referidas questões.

1- Problema da transição- consiste em traçar os estágios intermediários pelos quais evolui a língua para ocorrer a mudança linguística. Questões sobre regularidade da mudança sonora, influência gramatical nas mudanças sonoras, “cadeias que avançam” *versus* “cadeias que retrocedem”, movimento constante *versus* alterações súbitas descontínuas relacionam-se à resolução do problema de transição.

2- Problema de encaixamento- consiste em encontrar o ponto onde a mudança linguística ocorre, social e linguisticamente falando. Segundo Labov, o principal caminho para a resolução dessa questão está em descobrir as correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social. As correlações podem mostrar que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível.

3- Problema de avaliação- consiste em encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) observadas. Uma análise indireta considera a relação entre as atitudes e anseios gerais dos informantes com o comportamento linguístico que apresentam, enquanto que a abordagem direta mede as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística.

Assim, a resolução desses problemas possibilita a explicação da mudança linguística para responder às três questões sobre causas provocadoras, mecanismo e função adaptativa. Labov ainda destaca que o valor de uma explicação está ligado ao seu poder de generalização, como em outras investigações, mas apenas na medida em que se ampare em evidências confiáveis e reproduzíveis.

Labov (2008 [1972]) afirma que as soluções para o problema de transição dependerão de uma análise mais profunda da distribuição das formas linguísticas no tempo aparente, ou seja, ao longo das dimensões formadas por faixas etárias da população atual. Isso ocorre graças ao fato de que a descrição simples original da mudança em tempo real permite a distinção entre a gradação etária da população atual e os efeitos da mudança linguística.

Citando o caso Martha's Vineyard, região dos Estados Unidos onde foram feitos estudos de mudanças linguísticas, Labov (2008[1972]) destaca pontos que foram considerados na pesquisa:

O problema da transição é estudado por meio do exame da distribuição de formas através do tempo aparente- ou seja, através das várias faixas etárias da população atual. O primeiro passo na análise é construir um índice quantitativo para os valores discretos da variável (LABOV, 2008[1972], p. 197).

Assim, construiu-se um índice de centralização a partir da escala dos valores discretos de cada variável pela média dos valores numéricos atribuídos a cada variante. Um índice foi, então, aplicado na entrevista com 69 participantes, pontuando-se cada uma das palavras em que ocorriam as variantes pesquisadas.

Ao considerar o problema de encaixamento, foi constatado na pesquisa que uma estreita relação entre duas variáveis se acentuou quando foram correlacionadas com grupos de fatores extralinguísticos, como: profissão, educação localização geográfica dos falantes, e principalmente o grupo étnico a que pertencia.

O problema da avaliação em Martha's Vineyard foi considerado através da observação e análise de certos indicadores das atitudes subjetivas dos falantes em relação à vida da ilha, vindos à tona no momento das entrevistas. Atitudes relacionadas aos turistas de verão, seguro desemprego, ao trabalho no continente, a outros grupos profissionais e étnicos foram correlacionados com dados advindos de conversas com líderes comunitários e de registros históricos e, depois, com as variáveis linguísticas. Concluiu-se que um valor social havia sido associado à realização de uma determinada variante: quanto mais um indivíduo sentisse a necessidade de marcar sua identidade com um habitante da ilha, mais ele acentuava certo traço determinante, ocorrendo o contrário com os habitantes do lugar que queriam sair dali e desvencilhar-se dos vestígios da ilha. Labov (2008 [1972]) conclui que:

A solução para o problema da avaliação é o postulado do significado social da forma mudada- ou seja, a função que é o equivalente direto, no nível não cognitivo, do significado da forma no nível cognitivo. (...) É evidente que as funções não cognitivas exercidas por esses elementos fonológicos são os fatores essenciais no mecanismo da mudança. Esta conclusão pode ser generalizada para

diversos outros exemplos de mudanças mais complexas, em que o resultado nítido é uma mudança radical de função cognitiva. (LABOV, 2008[1972], p. 202).

Labov (2008 [1972]) aponta que fica claro nas pesquisas o fato de pouquíssimos falantes se darem conta de que usam as formas estigmatizadas. Ouvem a si mesmos como usuários das formas prestigiadas que ocorrem esporadicamente em sua fala, quando monitorada, e em suas leituras de listas de palavras isoladas. O linguista ainda faz considerações de caráter conclusivo sobre os mecanismos de mudança observados em pesquisas feitas em Martha's Vineyard e Nova Iorque:

1- A forma linguística que começou a mudar era resultado de tentativas de fortalecimento da identidade de subgrupos, mas estava enfraquecida. Assim, a forma linguística assumiu um marcador de *status* regional, com uma distribuição irregular na comunidade, o que caracterizou a forma como uma variável linguística indefinida;

2- As mudanças podem ser caracterizadas por *mudanças vindas de baixo*, uma vez que estão abaixo da consciência social e começaram como uma forma atribuída a um subgrupo. A variável afeta uma dada classe, por não haver adaptações estilísticas, o que a caracteriza como um *indicador* de pertencimento a um grupo; e a *mudança vinda de cima* (a que é acompanhada pelo falante, ele tem consciência), normalmente essa mudança é alvo de prestígio;

3- Gerações sucessivas de falantes dentro de um mesmo subgrupo geram o estágio chamado de hipercorreção vinda de baixo, já que fazem a variável linguística avançar no processo de mudança para além do modelo estabelecido pelos pais. Assim, tem-se uma variável que se relaciona à função de pertencimento ao grupo e à faixa etária;

4- Os valores do subgrupo original são associados por outros grupos da comunidade de fala, com seu valor relacionado a pertencimento de grupo. Dessa forma, a função de pertencimento ao grupo é redefinida em estágios sucessivos;

5- Os limites da difusão da mudança correlacionam-se aos limites da comunidade de fala, definida como um grupo que compartilha os mesmos valores normativos relacionados à língua;

6- A variável linguística torna-se uma das formas que definem a comunidade de fala e seus membros, os quais reagem de forma uniforme em relação à realização da língua. Isso é favorecido pelo alcance da mudança linguística atrelada aos seus valores associados. A

variável, dessa forma, define-se como um *marcador* e exhibe o fenômeno da variação linguística;

7- O movimento da variável linguística dentro do sistema linguístico condiciona reajustes na distribuição de outros elementos no espaço fonológico;

8- O estágio de reciclagem de mudanças novas alternando-se com as mudanças sonoras mais antigas é a fonte primária para o surgimento contínuo de mudanças;

9- Os membros do grupo social de maior *status* estigmatizam a mudança quando não é originada desse grupo, através de interferências em instituições de meios de comunicação;

10- O estigma das formas linguísticas que são decorrentes de grupos menos favorecidos proporciona a *mudança vinda de cima*. Há um redirecionamento da mudança linguística para a forma usada pelo grupo de maior *status*, o modelo de prestígio. Esse comportamento proporciona uma estratificação linguística regular, além de uma estratificação social;

11- Os grupos de menor *status*, ao tentar acompanhar o modelo de prestígio, favorecem o surgimento da hipercorreção, chamada *hipercorreção vinda de cima*;

12- O estigma de uma forma leva à formação de estereótipos, favorecendo seu desaparecimento;

13- A mudança advinda de grupos com maior *status* é usada nas formas mais cuidadas de fala por todos os outros grupos, mas em menor medida na fala casual.

Assim, a tese relacionada aos mecanismos de mudança linguística relaciona-se, conforme conclusão de Labov (2008 [1972]), a pressões internas estruturais e a pressões externas, ambas agindo alternadamente. Não é possível, portanto, a afirmação de que o linguista deve ater-se a elementos linguísticos definidos por função cognitiva para explicação da mudança, nem tampouco afirmar que um sistema linguístico em mudança é autônomo.

4 O julgamento da variação por parte dos falantes

Numa época em que a discriminação em termos da raça, cor, religião ou sexo não é publicamente aceitável, o último baluarte da discriminação social explícita continuará a ser o uso que uma pessoa faz da língua (MILROY, 1998, *apud* BAGNO, 2003, p. 13).

Nos últimos tempos, a linguística representa objeto de interesse de vários estudiosos, os quais se dedicam ao estabelecimento de relações entre a língua e suas múltiplas funções com uma sociedade marcada pela heterogeneidade e diversidade. A sociolinguística, por sua vez, busca processar, analisar e sistematizar o universo “desordenado” da língua falada.

Analisar a atitude dos falantes frente às variações apresentadas na língua é considerar a aceitação ou não da heterogeneidade linguística, e a estigmatização de certos comportamentos linguísticos é fruto de uma concepção de língua defendida pela classe dominante, tradicional por excelência.

O termo estigma remete imediatamente a preconceito, termo que, associado à língua, resulta em preconceito linguístico. Tal expressão indica a intolerância aos falantes de línguas minoritárias e à diversidade interna da língua, como afirma Bagno (2009). Ainda conforme o linguista (Bagno 2003, p. 16), “a acusação de ‘falar tudo errado’, ‘atropelar a gramática’ ou ‘não saber o português’ pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical.” (BAGNO 2003, p. 16).

O preconceito linguístico manifesta-se em várias situações no Brasil, amparando-se no determinismo de que há superioridade de alguns comportamentos linguísticos que constituem modelos eleitos pela sociedade de bom falar do PB. Esse “comportamento linguístico modelo” implica em interpretações nas distinções socioeconômicas da sociedade, na diversidade linguística de cada região, assim como nos aspectos globais que influenciam a língua, a exemplo da adesão aos estrangeirismos.

Toma-se como hipótese nesta pesquisa, que a variante *ni* é traço responsável por estigmatizar a fala de um indivíduo, uma vez que consiste numa realização linguística não contemplada pelas normas das gramáticas normativas da Língua Portuguesa. No entanto,

percebe-se que a referida variante é recorrente na fala de sujeitos nativos de Vitória da Conquista, independente do grau de escolaridade ou faixa etária do falante. São recorrentes na referida cidade realizações como a e b:

- a. “*Ni* um lugar [...]” (*Em* um lugar) - Informante j
- b. “Se for *ni* novembro, ele vai.” (Se for *em* novembro, ele vai.) – Informante k

Assim, é plausível questionar até que ponto a dinamicidade da língua “respeita” os critérios essencialistas impostos aos estratos sociais, no que se refere à determinação do perfil linguístico do falante, o qual se encontra imerso em uma sociedade marcada por mudanças incessantes. Destacam-se marcas identitárias que o enquadram em situação de prestígio ou desprestígio social, econômico, cultural, político e mais algum que as normas sociais entendam ser definidor do lugar do indivíduo na sociedade.

4.1 Colonização além do território: língua e cultura dos conquistados.

A implantação da língua portuguesa no Brasil, por si só, configura o preconceito linguístico observado no país até os dias atuais. As autoridades responsáveis pela colonização do território brasileiro decidiram que apenas a língua portuguesa deveria ser falada no território conquistado, proibindo a prática da língua geral, constituída pela mescla das línguas indígenas, portuguesa e africanas como estratégia de comunicação desenvolvida entre povos do Brasil-colônia. Tal proibição foi oficializada com o decreto da Lei do Diretório dos Índios, em 1978, conforme Oliveira (2008, p. 116).

Em meados do século XX, na era do Estado Novo de Getúlio Vargas, entre 1941 e 1945, houve perseguições no que diz respeito aos usos linguísticos próprios dos imigrantes estrangeiros que se encontravam no Brasil, ainda de acordo com Oliveira (2008, p. 116). Justificando-se como uma tentativa de manter o purismo e a homogeneidade da cultura brasileira, ocorreram invasões de escolas, gráficas e perseguições a civis, o que levou a comunidade europeia, que constituía parte da força de trabalho, principalmente no sul do país,

por conta da lei e das pressões, a ser proibida de comunicar-se em outra língua que não fosse a língua portuguesa.

Mais recentemente, ainda são percebidas tentativas de estabelecer uma espécie de escudo protetor para a língua portuguesa, evitando, por exemplo, o uso de estrangeirismos no português do Brasil. Projetos de lei como o 1676- 1999, disponível no site da Câmara de Deputados (2012 [1999]), e de autoria do então deputado Aldo Rebelo, afirmam que em nome da proteção, promoção e defesa do uso da língua portuguesa, deve ser combatido o chamado estrangeirismo na língua oficial brasileira.

Bagno (2009) confirma a existência de um debate histórico envolvendo a utilização efetiva do idioma e a postura da tradição gramatical. É devido, justamente, à imposição histórica do vernáculo que até os dias atuais posições de preconceito linguístico são recorrentes nas atitudes dos indivíduos, em detrimento do uso, de fato, da língua como meio de comunicação e consequente interação entre os integrantes da sociedade.

O advento da Sociolinguística, na década de 1960, representou o reconhecimento dos fatores sociais como variáveis atuantes no uso da língua, o que configurou uma ruptura com uma abordagem formalista, baseada nas idéias de Ferdinand Saussure previstas em sua obra *Curso de Linguística Geral* (1916). O Formalismo considera o sistema como algo abstrato, e estuda os elementos que o formam, distanciando-se das situações de produção e recepção das línguas.

A diversidade linguística, a partir de William Labov, deixa de ser tratada como um problema. Ao instituir a inseparabilidade entre língua e variação, Labov (2008 [1972]) trata o diverso na língua como traço da riqueza do fenômeno linguístico, o que caracteriza toda e qualquer sociedade. A noção de certo e errado, portanto, é descartada nessa abordagem, e a norma culta é tratada apenas como uma variante privilegiada que expressa o modelo de língua socialmente valorizado. Os comportamentos linguísticos, assim, passam a ser marcas identitárias dos indivíduos e a variação linguística um aspecto de adequação à situação comunicativa por parte dos interlocutores.

Com esse novo olhar sobre a variação linguística, o preconceito linguístico é alvo de debate, emergindo, então, aspectos que implicam na constituição do imaginário social referente ao uso e à apropriação da linguagem.

4.2 Língua, identidade e cultura

As transformações pelas quais o mundo passa continuamente em espaços de tempo cada vez menores acabam por afetar a sociedade e, conseqüentemente, as identidades sociais assumidas pelos indivíduos dentro dessa esfera, o que fragmenta, por sua vez, esse indivíduo moderno, percebido antes como sujeito unificado. Surge, então, de acordo com Hall (2011):

“A assim chamada crise de identidade (que) é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam ao indivíduo a ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2011, p. 07).

As mudanças nas referências do sujeito, enquanto membro de uma comunidade com uma identidade pré- estabelecida socialmente, proporcionaram o que é chamado de deslocamento ou descentração do sujeito, significando, segundo Hall (2011, p. 09) uma “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos.” É justamente a crise de identidade advinda desse deslocamento que põe em questão a identidade do indivíduo na sociedade.

Para a melhor compreensão de como os sujeitos eram entendidos na esfera social, segue uma síntese das três concepções de identidade ligada o sujeito, conforme apresenta Hall (2011 p. 10-14):

- Sujeito do Iluminismo:

Trata-se de um sujeito baseado na concepção humana de um indivíduo centrado, racional e consciente. O centro desse indivíduo consiste num núcleo interior que emerge no nascimento do sujeito, desenvolvendo-se num contínuo ao longo da existência do indivíduo,

sem mudanças. O sujeito, segundo essa perspectiva, nasce, desenvolve-se e morre sem maiores transformações, o que representa uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade.

- Sujeito Sociológico:

Admite que o núcleo do sujeito não é interno nem auto suficiente, mas com formação dependente da relação com outras pessoas, de cuja relação o sujeito desenvolve suas concepções de valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura do mundo onde vive. Corresponde a uma concepção interativa, em que a identidade é formada a partir da interação entre o eu e a sociedade, sendo continuamente modificado.

- Sujeito Pós- moderno

É o sujeito resultante das mudanças da sociedade, e devido às mudanças ocorridas num espaço de tempo cada vez mais curto, o sujeito é aqui conceitualizado como tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”, conforme Hall (1987 *apud* HALL 2011, p. 13). O sujeito pós- moderno, portanto, é historicamente definido, não biologicamente, assumindo diferentes identidades em diferentes momentos, graças às multiplicações de significação e representação cultural, o que confronta o indivíduo com uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis.

Assim, percebe-se que as sociedades modernas são caracterizadas por mudanças ininterruptas, rápidas e constantes, traços que as distinguem das sociedades tradicionais, uma vez, que nessas sociedades, os símbolos se perpetuam, assim como as experiências de gerações, como propõe Giddens (1990 *apud* Hall, 2011, p. 15). Ainda de acordo com Giddens (1990 *apud* Hall, 2011, p. 15), as descontinuidades caracterizam as sociedades modernas.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. No plano da extensão, elas (as transformações) serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, *apud* HALL, p. 17)

Portanto, é possível ser feita uma ligação do que é afirmado por Hall (2011) em relação às sociedades modernas e o tratamento que se deve dar às línguas modernas, como destacado por Rajagopallan (2003, p. 26). O autor afirma que conceituar língua como sistema auto-suficiente, constituída por dados teoricamente neutros, com base em constatações não empíricas, não admite evidenciar instabilidades de caráter estruturalista e constitutivo nas línguas encontradas no mundo real. A visão de auto-suficiência atrelada à língua desconsidera as heterogeneidades próprias de toda comunidade de fala. Outro fator que desconsidera a miscigenação inevitável nas sociedades modernas, graças à globalização que favorece os contatos interculturais, é a classificação dos falantes em nativos ou não de determinada língua, o que vai de encontro ao fenômeno do multilinguismo cada vez maior no mundo, também devido aos avanços tecnológicos e as ondas migratórias que marcam as sociedades de todo mundo.

Não há como pregar a homogeneidade e estabilidade de uma comunidade, já que o que a une, a cultura, é marcada pela dinâmica. Não há estágios determinados de evolução- cultura “primitiva” e “avançada”, os quais são tomados por base em uma cultura para parametrizar as outras, proporcionando a criação de preconceitos. A cultura está ligada à história particular de cada grupo social e, portanto, não existe uma cultura “atrasada”, “primitiva”. E o preconceito cultural nada mais é que a percepção do mundo através das grades da cultura dominante.

De acordo com Oliveira (2011), língua e cultura são inseparáveis, uma vez que o indivíduo apropria-se da realidade em que se insere por meio da nomeação do que o circunda, além de estabelecer relações por meio da língua. Assim, a língua acompanha a mesma dinamicidade da cultura, da qual é indissociável.

Portanto, julgar a variedade linguística do outro como inferior a um padrão imposto por uma fatia menor, porém prestigiada, da sociedade, é julgar a comunidade em que o indivíduo vive, as experiências de seus antepassados adquiridas pelo contato com os pais, a história de um povo. Infelizmente, na tentativa de ocupar esse confortável lugar de prestígio, até mesmo os julgados desprezam sua cultura, o que fortalece não apenas o preconceito linguístico entre os indivíduos, mas todo tipo de discriminação em todo o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VARIANTES *EM* E *NI*

O que torna o conceito clássico da língua cada vez mais difícil de sustentar é que ele abriga não só a ideia de autossuficiência, mas também faz vistas grossas às heterogeneidades que marcam todas as comunidades de fala. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 27)

A preposição *ni*, variante da preposição *em*, apesar de estar presente nos diálogos das novelas, do cotidiano das pessoas e até mesmo no ambiente acadêmico, carece de estudos, e isso foi um dos fatores que impulsionou a realização da presente pesquisa. Poucos são os estudos que envolvem as preposições *em* e *ni* como variantes concorrentes, as quais serão brevemente discutidas nessa seção. Renomados linguistas e gramáticos, como Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009), fazem alusão ao emprego da preposição *em* nas mais diversas situações, mas sequer citam a variante *ni*, variante da referida preposição.

5.1 A preposição *em*

Cunha e Cintra (2001, p. 570- 571) afirmam haver dois sentidos referidos pela preposição *em*: movimento e situação. O primeiro, conforme os autores, é utilizado quando a intenção é indicar o alcance de uma situação dentro das dimensões de:

a) Espaço:

(1) “Os Garcias entravam *em* casa calados.” (V. NEMÉSIO, MTC, p. 194 *apud* CUNHA E CINTRA, 2001, p. 570)

b) Tempo:

(2) “Nazário visitava-as de quando *em* quando.” (COELHO NETO, OS, I, 81 *apud* CUNHA E CINTRA, 2001, p. 570)

c) Noção:

(3) “E a lagoa entrou *em* festa.” (A. M. MACHADO, JT, p.21 *apud* CUNHA E CINTRA, 2001, p. 570)

Quanto à situação, referente à “posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (cf. Cunha e Cintra, 2001, p. 570), as dimensões apontadas pelos gramáticos supracitados são:

d) Espaço:

(1) “Trazia no sangue.” (AGOSTINHO NETO, SE, p. 106 *apud* CUNHA E CINTRA, 2001, p. 571)

e) Tempo:

(2) “Tudo aconteceu em 24 horas.” (DRUMMOND DE ANDRADE, CB, p. 125 *apud* CUNHA E CINTRA, 2001, p. 571)

f) Noção:

(3) “... toda a povoação estava em chamas.” (SOROMENHO, TM, p.225 *apud* CUNHA E CINTRA, 2001, p. 571)

Bechara (2009, p. 315- 316) apresenta, por sua vez, os seguintes valores semânticos para a preposição *em*, com os respectivos exemplos:

a) Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

(4) “Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares.” (MM *apud* BECHARA, 2009, p. 315)

b) Tempo, duração e prazo:

(5) “Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam.” (MM *apud* BECHARA, 2009, p. 315)

c) Modo, meio:

(6) “Foi *em* pessoa receber os convidados.” (BECHARA, 2009, p. 315)

d) Nova natureza de um ser:

(7) “O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria.” (MM *apud* BECHARA, 2009, p. 315)

e) Preço, avaliação:

(8) “A casa foi avaliada *em* milhares de reais.” (BECHARA, 2009, p. 315- 316)

f) Fim, destinação:

(9) “Vir *em* auxílio.” (BECHARA, 2009, p. 316)

g) Estado, qualidade ou matéria:

(10) “Ferro *em* brasa.” (BECHARA, 2009, p. 316)

h) Causa, motivo (geralmente antes do infinitivo)

i) “Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano.” (MM *apud* BECHARA, 2009, p. 316)

j) Lugar para onde se dirige em movimento, em sentido próprio ou figurado:

(11) “Entrar *em* casa.” (BECHARA, 2009, p. 316)

k) Forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

(12) “Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos em talhadeiras e arrojou-se d’alto, mergulhando...” (CN *apud* BECHARA, 2009, p. 316)

Ferrari (1997, p. 123) afirma que a preposição *em* pode ser entendida como uma palavra locativa que “manifesta uma tendência de abstratização, seguindo o padrão observado em várias outras línguas, a partir da escala: ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO.”, situações que podem ser percebidas em:

a) Espaço:

(13) “João estava *em* Madri.” (FERRARI, 2012 [1997], P. 123)

b) Tempo:

(14) “Nós estamos *em* outubro.” (FERRARI, 2012 [1997], P. 123)

c) Processo:

(15) “O paciente está *em* observação.” (FERRARI, 2012 [1997], P. 123)

5.2 A preposição *ni* e alguns estudos sobre a variante

A preposição *ni* não é citada em gramáticas tradicionais, uma vez que esta é uma forma não contemplada pelos dialetos-padrão do Português Brasileiro. Nascentes (1922 *apud* Ferrari, 2012 [1997], p. 123) cita casualmente a variante em um exemplo com vistas a ilustrar uma forma verbal. Já Teixeira (1944 *apud* Ferrari, 1997, p. 124) cita uma cantiga folclórica para registrar o uso do *ni* em cidades goianas, como Jaraguá. Pontes (1922 *apud* Ferrari, 2012 [1997], p. 124) menciona o uso do *ni*, mas não apresenta os contextos em que essa variante figura.

Ferrari (2012 [1994]) investigou o fenômeno de variação da preposição *em* como objeto de sua tese de doutorado, e coletou os dados na comunidade Morro dos Cablocos, no Rio de Janeiro. A pesquisadora afirma ter concluído que as variantes *em* e *ni* eram usadas de forma alternada na fala da maioria dos habitantes daquela comunidade, não havendo substituição de uma pela outra por parte dos falantes. Ferrari (2012 [1994]) reuniu os dados coletados em quatro grupos principais, a saber:

I- NI + SNs próprios de lugar

(17) Eu queria morar *ni* Leblon.

II- NI + SNs próprios de pessoa

(18) Ele tá lá *ni* Isabel.

III- NI + SNs comuns

(19) Mamãe me levava *ni* médico.

IV- NI + pronomes

(20) Vai votar *ni* quem?

Ferrari (2012 [1997]) continuou os estudos sobre as variantes *em* e *ni* sob o referencial teórico da Linguística Funcional, a fim de “demonstrar que a forma *ni* provoca refinamento das relações semântico - cognitivas estabelecidas pela preposição locativa no sistema linguístico. Conclui ainda que, nos dialetos em que as duas variantes coexistem, observa-se o uso de *em* para expressar locativos concretos, sendo que a forma *ni* é usada em situações de abstratização de noção locativa, como em:

(21) Eu tava lá *ni* Lúcia.

Holm (1992 *apud* Lopes e Baxter, 2012 [2007]) propõe que a forma *ni* talvez seja uma analogia baseada no paradigma da preposição *de* e suas contrações com os artigos definidos o (s), a (as).

Lopes e Baxter (2012 [2007]) desenvolveram uma pesquisa observando a natureza da preposição *ni* em duas variedades do português: uma brasileira, o dialeto afrobrasileiro de Helvécia- Bahia; e outra africana, o português dos Tongas de São Tomé, povo descendente de trabalhadores africanos que, conforme Baxter 2004; Rougé 1992 (*apud* Lopes e Baxter, 2012 [2007]), aprenderam o português via contato.

Como *corpus* da pesquisa, Lopes e Baxter (2012 [2007]) consideraram dados coletados por meio de gravações nas referidas comunidades na década de 1990, e examinaram e compararam as análises feitas da variação entre *ni* e das demais variantes de *em*. Nessa pesquisa, foram consideradas as seguintes variáveis independentes: 1) SN definido ou indefinido; (2) a semântica do núcleo do SN (tempo, espaço comum, pessoa, parte do corpo); (4) a regência verbal; (5) a configuração do espaço determinado; e (5) a faixa etária dos falantes.

As análises preliminares feitas por Lopes e Baxter (2012 [2007]) sinalizaram a variante *ni* “como vestígio de fases diacrônicas anteriores e apontam para um condicionamento por parte da semântica do SN.”

6 METODOLOGIA

Com o advento da Teoria Variacionista, a língua passou a ser analisada estatisticamente, considerando-a em uso em uma determinada comunidade, a fim de pontuar as variações linguísticas observadas no ato linguístico. Conforme Tarallo (2007, p. 7), o modelo de análise quantitativa configurou-se como uma reação contrária de Labov às idéias gerativistas, que não consideravam o aspecto social em análises linguísticas. São considerados na sociolinguística variacionista, portanto, aspectos sociais e linguísticos quantitativamente, os quais têm a função de direcionar o pesquisador para a sistematização da variação linguística no âmbito da pesquisa. A análise dos dados coletados é considerada levando-se em conta números e estatísticas, o que justifica a rotulação da sociolinguística variacionista, por alguns estudiosos, de sociolinguística quantitativa.

Tarallo (2007) elenca as etapas que devem ser observadas numa pesquisa quantitativa, a saber:

- 1) um levantamento exaustivo de dados da língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade; 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem; 3) análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a (s) outra (s); 4) encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada; 5) projeção histórica da variável no sistema linguístico da comunidade (TARALLO, 2007, p. 11).

Feita a análise seguindo o modelo da sociolinguística quantitativa, tem-se a sistematização da variação observada na língua. Os resultados finais das variantes levam à formulação de regras variáveis, uma vez que a ocorrência ou não de uma variante é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Labov (2008, p. 63 [1972]) destaca o problema do pesquisador em coletar os dados, uma vez que o método de coleta pode interferir nos dados coletados. O linguista aponta como modo confiável de obtenção de dados a entrevista gravada, mas ressalta que a entrevista é uma fala pública, passível de ser monitorada. Aponta, então, como uma saída para obtenção de dados que se aproximem da fala cotidiana dos informantes, a observação do falante em seu contexto social natural, ou a análise da língua na vida diária fora do contexto de entrevista.

Neste capítulo, pois, serão expostos os caminhos metodológicos percorridos na pesquisa, considerando-se os pressupostos da sociolinguística variacionista: perfil da comunidade pesquisada, a seleção dos informantes, as variáveis observadas e o tratamento dos dados coletados.

6.1 A comunidade em questão

Vitória da Conquista situa-se no sudoeste baiano e representa a terceira maior cidade do estado da Bahia, com área de unidade territorial de 3.405,580 km² e população de 306. 866 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2010). Fundada em 09 de novembro de 1840, Vitória da Conquista configura-se como importante centro comercial do sudoeste da Bahia e norte de Minas Gerais, influenciando uma população de pouco mais de 2 milhões de pessoas, o que a situa entre os cem maiores centros urbanos do Brasil. Até a década de 1940, a base econômica da cidade era a pecuária extensiva, prática que deu lugar à atividade comercial, favorecida pela abertura da estrada Rio-Bahia (atual BR 116) e da estrada Ilhéus-Lapa, possibilitando a integração do município com outras regiões do estado e do país, de acordo com informações colhidas no portal oficial da prefeitura municipal de Vitória da Conquista-PMVC (2012).



Mapa 01: Localização da cidade de Vitória da Conquista no mapa da Bahia. (PMVC, 2012)

Ainda conforme o *site* da PMVC (2012), a cidade teve em sua origem populacional os povos brancos, representados pelos colonizadores, que permaneceram na cidade em missões portuguesas para desbravar a região da Bahia; índios das tribos Mongoió (ou Kamakan), Ymboré (ou Aimoré), e Pataxós, cada uma com sua língua e seus ritos religiosos. Os Mongoiós costumavam fixar-se em uma determinada área, enquanto as outras duas tribos circulavam ao longo da região. Os aldeamentos se espalhavam por uma extensa faixa, conhecida como Sertão da Ressaca, que vai das margens do alto do Rio Pardo até o médio Rio das Contas, lugar onde são encontradas hoje comunidades negras, como a comunidade do Cinzento. Alguns estudos sobre a forma de construir as casas das comunidades próximas à zona urbana de Vitória da Conquista, a plantação de mandioca e milho, a produção de artesanato nos dias atuais, de acordo com o *site* da PMVC (2012), afirmam que esses são indícios da ancestralidade indígena: essas comunidades identificadas como negras, na realidade têm origem na miscigenação de índios e negros.

Após várias lutas entre as tribos de índios contra os portugueses, estabeleceu-se entre os Mongoiós e os colonizadores uma relação de cordialidade, estratégia dos índios para manterem-se em seu território, lutando juntamente com os portugueses contra a tribo dos Ymborés. Mas, ainda segundo informações do portal da PMVC (2012), os Mongoiós começaram a armar emboscadas contra os brancos que visitavam as matas virgens próximas à Igreja Matriz. Um dos portugueses conseguiu fugir da emboscada, delatando a ação dos índios. Iniciou-se, então, uma ação vingativa por parte dos colonos, os quais convidaram os indígenas a participar de uma festa, e, quando os índios estavam distraídos com as comidas e bebidas ofertadas, os colonos os cercaram por todos os lados e mataram quase todos. Este episódio da história conquistense é conhecido como “o banquete da morte”.

A hipótese principal desta pesquisa é que a ocorrência do uso da variante *ni* observada na cidade de Vitória da Conquista pode ser fruto dos contatos entre os povos na formação populacional-linguística da comunidade conquistense, uma vez que preposição *ni*, não prevista nos manuais, ocorre em variedades africanas do português falado, como observado em estudos de Baxter e Lopes (2012 [2007]), ou como resultante de aquisição do português enquanto segunda língua por indígenas e africanos. Para isso será considerada a análise também se observando a variação em tempo aparente.

6.2 A coleta de dados

Esta pesquisa considerou os pressupostos da sociolinguística quantitativa, como apontado anteriormente (TARALLO, 2007, p. 11). A coleta de dados foi obtida em entrevistas com duração média de 20 minutos, registradas por meio de um gravador digital, nas quais foram desenvolvidas narrativas obtidas pela interação pesquisador- informante, a fim de fazer o entrevistado esquecer a situação de entrevista gravada e levando-o a expor fatos de sua vida diária com o uso do vernáculo. Além de uma ficha onde o informante deveria informar seus dados pessoais e algumas informações relacionadas ao seu perfil social, relevantes para a pesquisa, ainda foi aplicado um questionário ao participante, a fim de considerar qual a sua avaliação relacionada à variante *ni*.

6.3 A constituição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 18 entrevistas gravadas e transcritas, produzidas por 18 informantes do sexo feminino, naturais da cidade de Vitória da Conquista. A escolha do gênero/ sexo feminino como fornecedor do corpus da pesquisa justifica-se pelo fato de tal gênero/ sexo ser considerado mais conservador em muitas pesquisas sociolinguísticas, quando comparado ao masculino. Nesta pesquisa, os dados dos informantes foram organizados em nove células, com dois informantes em cada: três fatores da variável social escolaridade (ensinos fundamental, médio e superior) e três fatores da variável social faixa etária do informante (F1: 15-29; F2: 30-45; F3: 46-70 anos de idade).

6.4 As variáveis consideradas

Como variável dependente, foram definidas duas variantes nesta pesquisa: a ocorrência de *em* e a ocorrência de *ni*, constituindo-se, dessa forma, uma variável dependente binária. Uma vez que o emprego das variantes não é aleatório, são considerados alguns grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (variáveis independentes) que podem explicar as escolhas do falante, a saber:

- a) Variáveis linguísticas

I- Presença e tipo de elemento pré- nominal no sintagma;

- Diante de artigo: (22) “Só que antes de morar *no centro* (...)” (Informante b)
- Ausência de elemento nominal: (23) “Ah, *em Belo Horizonte*, é?” (Informante j)
- Diante de pronome pessoal: (24) “W deu uns pega *nele*.” (Informante t)
- Diante de pronome possessivo: (25) “Painho nem *ni meu noivado* foi.” (Informante b)
- Diante de pronome demonstrativo: (26) “Mas ele só pode ir *nessa opção*.” (Informante y)

II- Valor semântico do sintagma preposicional;

- Tempo: (27) “Entre lá *ni* dois mil e seis.” (Informante b)
- Lugar concreto: (28) “ó, eu já fui *em* Fortaleza, já fui *em* Salvador, Itacaré, fiquei *ni* Itacarezinho também.” (informante b)
- Lugar virtual ou abstrato: (29) “E quando, quando eu saí agora a menina que entrou *ni* meu lugar, ela saiu de Piripá pra ir pra lá.” (informante j)
- Ser vivo: (30) “O cara é doido, só fica pensando *na mulher*” (informante t)
- Instrumento: (31) “Liga *no Vésper*.” (Informante b)
- Circunstância: (32) “Cê parou *no teste* de rua, YY?” (Informante j)
- Nome abstrato: (33) “Não toquei mais *no assunto*.” (Informante t)
- Outro: (34) “Você vai ter 2% *em cima* do valor de cada um...” (Informante x)
- Partes do corpo: (35) “(...) e *na minha mão*, não queria soltar” (Informante k)

III- Gênero do sintagma preposicional;

- Masculino: (36) “Só *ni* um lugar.” (Informante j)

- Feminino: (37) “Na área de educação.” (Informante u)

IV- Função do sintagma preposicional;

- Complemento verbal: (38) “Não bota panela *no fogo*.” (Informante z)
- Complemento nominal: (39) “A escola vai ter uma perda significativa *em qualidade de trabalho*.” (Informante y)
- Adjunto: (40) “Fui *na casa de mãe*.” (Informante z)

b) Variáveis extralinguísticas

- Idade do informante;
- Escolaridade.

6.4.1 As variáveis sociais

Sobre as discussões acerca da ação de fatores extralinguísticos na variação da língua, Mollica (2010) destaca algumas questões, a saber:

“a) o grau alto de escolarização concorre para um comportamento linguístico ajustado ao padrão culto? b) o gênero feminino é mais conservador do ponto de vista da norma? c) há uma relação entre estigmatização sociolinguística, *status* e mobilidade social? d) qual o impacto da mídia sobre a variação linguística? Esses e outros pontos são problematizados quando correlacionamos variáveis não linguísticas a fenômenos de variação.” (MOLLICA, 2010, p. 27).

Nos anos 60 e 70 do século passado, Labov (2008 [1972]) já relatava a interferência de fatores sociais sobre os traços do inglês padrão e não padrão, procurando comprovar que o *Black English* vernacular, variedade estigmatizada em Nova Iorque, é alvo de preconceitos graças às pressões relacionadas à etnia, escolarização e posição social.

Nessa pesquisa, a seleção dos informantes levou em conta variáveis sociais que hipoteticamente estariam relacionadas à ocorrência da variante *ni*, como escolaridade e faixa etária do informante.

6.4.1.1 Escolaridade

Relacionar o fator escolaridade ao uso da variante *ni* justifica-se nessa pesquisa pelo fato de a escola provocar mudanças na oralidade e na escrita dos falantes que a frequentam, sendo as normas linguísticas observadas nas práticas escolares, as previstas nos manuais normativos da língua, normalmente formas de alto prestígio social. Geralmente, as variantes mais distantes do padrão que não são contempladas pelas gramáticas tradicionais, são estigmatizadas, o que é o caso da variante *ni*; considera-se, portanto, que pode haver relação entre o uso do *ni* e o grau de escolaridade dos informantes.

Serão controlados, nesta pesquisa, os seguintes fatores da variável escolaridade são:

- a) Ensino Fundamental;
- b) Ensino Médio;
- c) Ensino Superior.

Tem-se, inicialmente, a previsão de que os mais escolarizados façam menor uso da variante *ni*, diante do efeito da ação escolar sobre as falas populares, e que essa variante esteja mais presente na fala menos escolarizada, no Ensino Fundamental.

6.4.1.2 Faixa etária

Os estudos sociolinguísticos afirmam que o comportamento linguístico de cada geração pode corresponder a um estágio da língua. Nesse sentido, a faixa etária mais jovem pode indicar a introdução de novas formas na variedade da comunidade. Isto posto, considera-se de extrema importância a seleção de informantes observando-se a faixa etária a que pertence, a fim de se constatar se há relação a realização do *ni* e entre a faixa etária dos informantes e a expectativa de mudança linguística.

Os fatores da variável faixa etária a serem considerados nesta pesquisa são:

- a) Faixa etária 1 (15- 29 anos de idade)
- b) Faixa etária 2 (30- 45 anos de idade);
- c) Faixa etária 3 (46 a 70 anos de idade).

Tem-se a previsão de que a variante *ni* seja mais presente entre os mais velhos e menos entre os mais jovens, o que poderia se relacionar a fases pretéritas da comunidade em que essa forma fosse de uso mais geral. Como se busca analisar a relação entre o uso dessa forma e a aquisição do português, na região, pela população, a partir de dados de L2, considera-se a possibilidade a forma aparecer mais no grupo dos mais velhos.

6.4.2 As variáveis linguísticas

Também as variáveis linguísticas que condicionariam o uso da variante *ni* foram consideradas, a saber: a) presença e tipo de elemento nominal ; valor semântico do sintagma; gênero do sintagma; função do sintagma.

Quanto à presença e tipo de elemento pré- nominal, serão considerados os seguintes fatores:

- a) Ausência de elemento pré- nominal;
- b) Presença de artigo;
- c) Presença de pronome possessivo;
- d) Presença de pronome demonstrativo;
- e) Presença de pronome pessoal.

Os valores semânticos do sintagma considerados para a análise serão de:

- a) Tempo;
- b) Lugar concreto;
- c) Lugar abstrato ou virtual;
- d) Ser vivo;
- e) Instrumento;
- f) Outras circunstâncias;
- g) Nome abstrato
- h) Outro.

O gênero do sintagma, masculino ou feminino, também será analisado. As funções do sintagma consideradas nessa pesquisa serão:

- a) Adjunto;
- b) Complemento verbal;
- c) Complemento nominal.

6.5 A codificação dos dados

Para a quantificação e codificação dos dados, foi utilizado um programa que trabalha com um modelo logístico, denominado programa *Varbrul* ou pacote *Varbrul*. Scherre & Naro

(2007) apontam a importância de o pesquisador, antes de dar início ao processo de codificação, escolher um único símbolo para cada uma das variantes da variável dependente e indicam o que deve ser observado:

1) se a variável dependente se constitui de duas variantes, ela é denominada binária e requer dois símbolos associados às suas duas possibilidades; 2) se a variável dependente se constitui de três variantes, ela é denominada ternária ou eneária, e requer três símbolos associados às suas três possibilidades; 3) se a variável dependente se constitui de quatro ou mais variantes, ela é denominada eneária e requer três símbolos associados às diversas possibilidades. (SCHERRE & NARO, 2007, p. 155)

Os linguistas ainda afirmam que também para as variáveis independentes devem ser escolhidos apenas símbolos para cada fator. O Apêndice A apresenta a chave de codificação usada na análise quantitativa realizada, utilizando o *Varbrul*.

6.6 A avaliação da linguagem por parte dos informantes

À Sociolinguística, como bem destaca Calvet (2002, p. 69) também importa o comportamento social provocado pela norma linguística espontânea, a qual “pode desenvolver dois tipos de consequências em relação aos comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram a sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros.” (CALVET, 2002, p. 69). Nesta pesquisa, foi aplicado um questionário aos informantes com letras de duas músicas, ambas com a presença da variante *ni* e uma sequência de perguntas que se referem ao perfil do possível usuário da linguagem utilizada na música. Dessa forma, foi possível observar, por meio das respostas ao questionário, as atitudes dos participantes da pesquisa em relação ao uso que se faz da variante em questão (ver Apêndice C).

7 ANÁLISE DOS DADOS

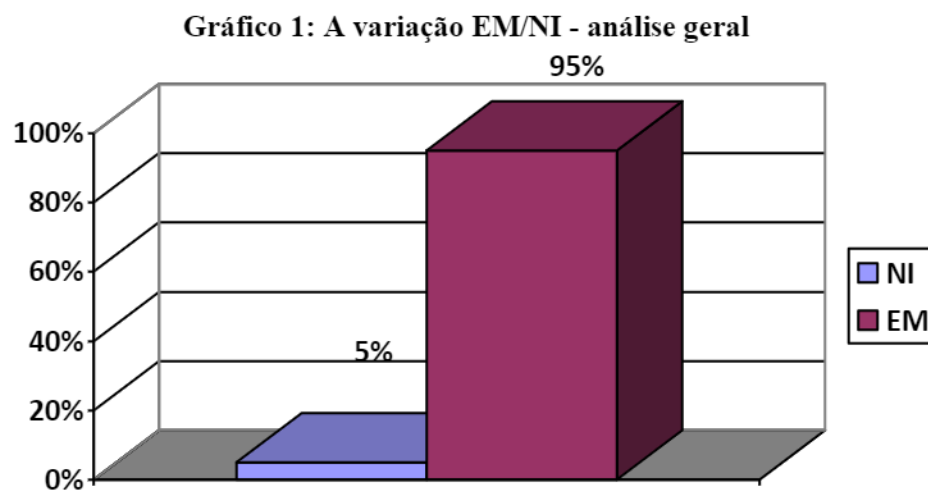
Neste capítulo, apresentam-se os resultados da análise quantitativa dos dados, faz-se a análise quantitativa e a interpretação dos resultados à luz da teoria aqui utilizada.

Abaixo, a tabela 1 dispõe informações a análise geral de ocorrências das variantes *em* e *ni* nos dados coletados.

Tabela 1: Variação EM/ NI- análise geral

	Número/Total	%
EM	619/653	95%
NI	34/653	5%
Total	653	100%

A análise dos dados apontou que a variante *ni* é usada pelos falantes de Vitória da Conquista em menor proporção quando comparada ao uso da variante *em*. Em um total de 653 casos envolvendo as duas variantes, a preposição *em* foi utilizada em 619 casos (95 %), enquanto o *ni* é empregado 34 vezes (5%). O gráfico que segue ilustra bem a prevalência da variante *em* na fala dos conquistenses em relação ao *ni*.



7.1 Variáveis selecionadas pelo pacote *Varbrul*

Seguem as variáveis selecionadas de acordo com a análise dos dados feita pelo programa *Varbrul*, destacando-se, portanto, aquelas que apresentaram resultados significativos para a pesquisa.

7.1.1 Presença e tipo de Elemento pré- nominal e o condicionamento do NI

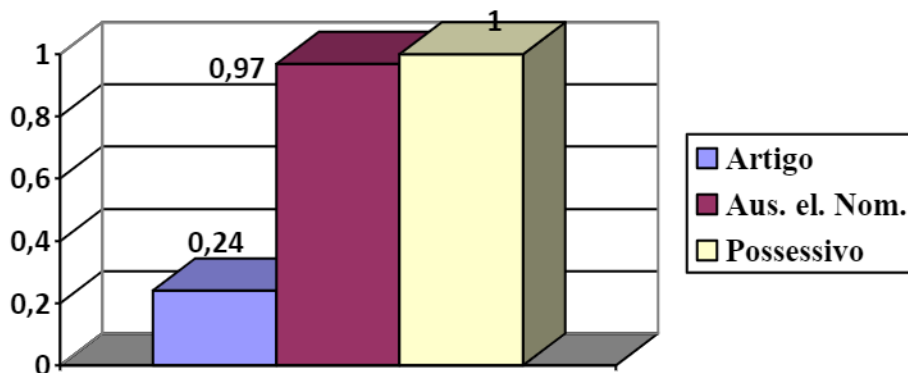
Tabela 2: Presença e tipo de Elemento pré- nominal e o condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Pronome Possessivo	2/3	67%	1.00
Ausência de elemento nominal	30/150	20%	.97
Artigo	2/448	0%	.24
Pronome Demonstrativo	0/45	0%	-
Pronome pessoal	0/5	0%	-
Total	34/653	5%	-

Ao analisar a interferência da <presença e tipo de elemento pré- nominal no sintagma> na escolha da variante (se *ni* ou *em*), a análise dos dados mostra que a variável foi selecionada: a presença ou não de elementos pré- nominais no sintagma e o tipo interfere na realização do *ni*. Nota-se na análise dos dados obtidos que essa variável condiciona a escolha do falante, favorecendo ou desfavorecendo o uso do *ni*. A tabela 2 mostra que os fatores *pronome demonstrativo* e *pronome pessoal* não têm variação, ou seja, não há casos de *ni* diante de pronome pessoal (“Eu dei uns tapa *nele*.” [informante p]) e de pronome demonstrativo (“Como é que vive *nessa* miséria aqui?” [informante j]). Entre os fatores que interferem no uso do *ni* pelos falantes estão *artigo*, *pronome demonstrativo* e *ausência de*

determinante, quando relacionadas à variante *ni*. Os dados da tabela 2 demonstram que o sintagma sem elemento pré-nominal condiciona o uso do *ni*, uma vez que o peso relativo correspondente é de 97. Apesar de poucas ocorrências dos pronomes possessivos nos dados, os pronomes possessivos condicionam o uso da variante *ni* por parte dos falantes considerados, mas os dados são poucos para serem conclusivos. Dentre os fatores sem favorecimento, o artigo demonstra ser o grande desfavorecedor da ocorrência do *ni*, uma vez que a variante foi observada em apenas 2 ocorrências de um total de 653 casos. O fato de o artigo desfavorecer o uso da variante *ni* pode ser explicado ao recorrer-se à proposição de Holm (1992 *apud* Lopes e Baxter, 2007) a respeito da forma *ni* ser, provavelmente, uma analogia baseada no paradigma da preposição *de* e suas contrações com os artigos definidos o (s), a (as), como citado anteriormente no capítulo 5 do presente trabalho. Assim, o *ni*, em analogia com o *de*, seria uma preposição sem artigo. Então, seria justamente o *ni*, assim como o *de*, que praticamente impediria que um artigo por excelência fosse empregado depois dele. O gráfico 2 apresenta os resultados da análise que considera a <presença e tipo de elemento pré-nominal e o condicionamento do *ni*>.

Gráfico 2: Presença e tipo de Elemento pré-nominal e o condicionamento do NI



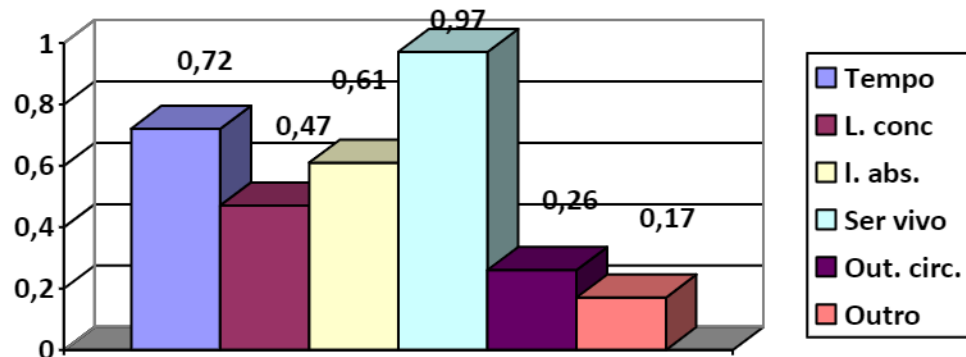
7.1.2 Valor semântico do sintagma preposicional e o condicionamento do NI

Tabela 3: Valor semântico do sintagma preposicional e o condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Ser vivo	3/12	25%	.97
Tempo	9/86	10%	.72
Lugar abstrato ou virtual	2/57	4%	.61
Lugar concreto	18/401	4%	.47
Outras circunstâncias	1/20	5%	.26
Outro	1/54	2%	.17
Instrumento	0/4	0%	-
Nome abstrato	0/4	0%	-
Partes do corpo	0/15	0%	-
Total	34/630	5%	-

Ao analisar o efeito da variável <valor semântico do sintagma>, a variável foi selecionada pelo programa *Varbrul* e os dados mostram (tabela 3 e gráfico 3), que tal variável interfere na realização do *ni*. Levando-se em conta o peso relativo atribuído a cada valor semântico, percebe-se que sintagmas com valor semântico de *ser vivo* (.97) e *tempo* (.72) favorecem o uso do *ni* pelos falantes analisados, seguidos pelas categorias *lugar abstrato ou virtual* (.61), *lugar concreto* (.47), *outras circunstâncias* (.26) e *outro* (.17). No entanto, os dados referentes ao fator *ser vivo* são poucos para serem tomados como conclusivos. Nas categorias *instrumento*, *nome abstrato* e *partes do corpo* não houve casos de uso da forma *ni* por parte do informante da pesquisa. Em função disso, as informações contidas na tabela permitem a afirmação de que o fator *tempo* é o maior condicionador do uso da variante *ni* por parte dos informantes dessa pesquisa, ao considerar-se o valor do sintagma.

Gráfico 3: Valor semântico do sintagma preposicional e o condicionamento do NI



7.1.3 Gênero do sintagma e o condicionamento do NI

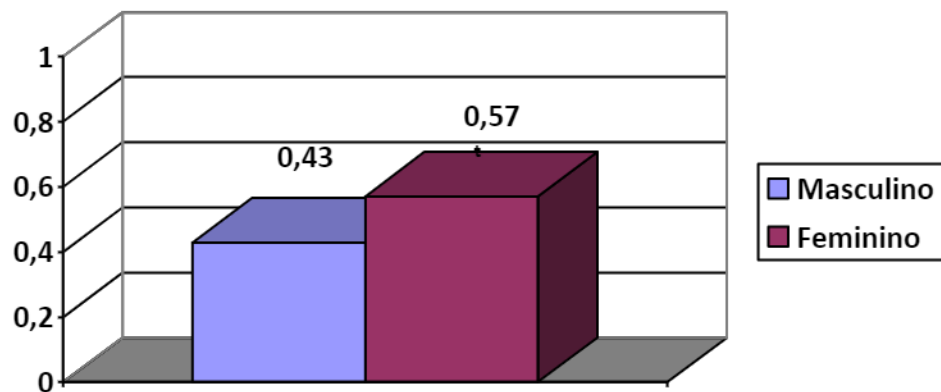
Tabela 4: Gênero do sintagma preposicional e o condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Masculino	13/288	5%	.43
Feminino	11/290	4%	.57
Total	24/578	4%	

O programa de análise de regras variáveis *Varbrul* selecionou a variável <gênero do sintagma>, apontando, portanto, ser esta uma variável que interfere na realização ou não do *ni* por parte dos falantes em questão. Os dados demonstram que a variante *ni* tem maior tendência em aparecer diante de sintagmas do gênero feminino, como em “Ela foi para São Paulo e ficava só *ni pizza*.” [informante (o)] com peso relativo .57, ao comparar-se a ocorrência desta variante diante de sintagmas masculinos (peso relativo .43) (“De olho *ni uns cursos técnicos*.” [informante r]), como demonstrado na tabela e no gráfico referentes à

variável <gênero do sintagma>. Conclui-se, portanto, que sintagmas do gênero feminino favorecem o uso da variante *ni* pelos informantes da pesquisa.

Gráfico 4: Gênero do sintagma e o condicionamento do NI



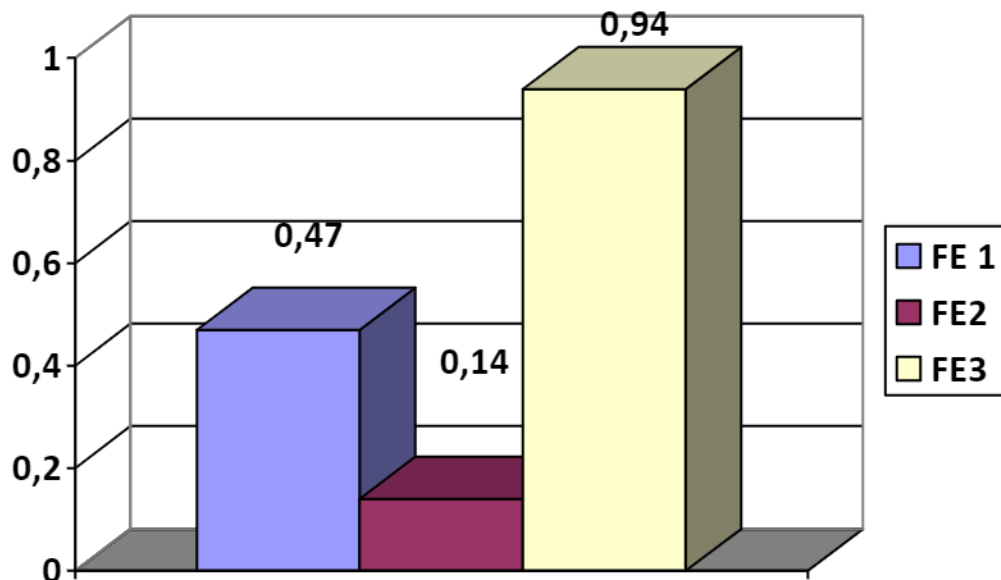
7.1.4 Idade do informante e condicionamento do NI

Tabela 5: Idade do informante e condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária 1 (15-29)	14/260	5%	.47
Faixa etária 2 (30-45)	4/231	2%	.14
Faixa etária 3 (46-70)	16/162	10%	.94
Total	34/653	5%	

Outra variável que exerce influência na ocorrência da variante *ni*, e que foi selecionada pelo pacote *Varbrul* é a <idade do informante>. Conforme a tabela 5, verifica-se que falantes pertencentes à faixa etária 3 realizam em maior número a variante supracitada, o que ocorreu em 10% dos casos (peso relativo .94). Observa-se que o percentual de falantes que fazem o uso do *ni* na faixa etária 2 é mínimo, computando 2% de ocorrências (peso relativo .14). Um percentual maior da variante *ni* é observado nos falantes da faixa etária 1 (5%), com peso relativo .47. O fato de a faixa etária 2 apresentar um declínio do uso da variante *ni* em relação aos dados de usuários da faixa etária 1 aponta para a opção do falante pertencente àquela faixa pela fala escolarizada, devido às exigências sociais, como aquelas ligadas a atividades profissionais, uma vez que é nessa faixa etária que o indivíduo estabelece-se, de fato, no mercado de trabalho. O alto percentual de ocorrências da variante *ni* em falantes de Vitória da Conquista reflete que, em outra fase do português, já houve prevalência de tal variante na comunidade conquistense.

Gráfico 5: Idade do informante e condicionamento do NI



7.1.5 Informante e condicionamento do NI

Tabela 6: Informante e condicionamento do NI

	Faixa etária	Escolaridade	Número/ Total	%	Peso Relativo
Informante “i”	1 (15-29 anos)	Fundamental	5/60	8%	.81
Informante “r”	1 (15-29 anos)	Fundamental	1/41	2%	.53
Informante “i”	1 (15-29 anos)	Médio	0/43	0%	-
Informante “b”	1 (15-29 anos)	Médio	5/26	19%	.81
Informante “j”	1 (15-29 anos)	Superior	3/ 45	7%	.49
Informante “d”	1 (15-29 anos)	Superior	0/45	0%	-
Informante “x”	2 (30-45 anos)	Fundamental	2/43	5%	.92
Informante “e”	2 (30-45 anos)	Fundamental	0/27	0%	-
Informante “h”	2 (30-45 anos)	Médio	2/23	9%	.92

Informante “w”	2 (30-45 anos)	Médio	0/21	0%	-
Informante “t”	2 (30-45 anos)	Superior	0/25	0%	-
Informante “y”	2 (30-45 anos)	Superior	0/30	0%	-
Informante “k”	3 (46- 70 anos)	Fundamental	9/25	36%	.51
Informante “p”	3 (46- 70 anos)	Fundamental	3/59	5%	.23
Informante “o”	3 (46- 70 anos)	Médio	3/37	8%	.15
Informante “g”	3 (46- 70 anos)	Médio	0/40	0%	-
Informante “z”	3 (46- 70 anos)	Superior	1/40	2%	.03
Informante “u”	3 (46- 70 anos)	Superior	0/23	0%	-
Total			34/399	9%	

Dos 18 informantes desta pesquisa, 8 deles (“t”, “y”, “e”, “w”, “i”, “g”, “u”, “d”) não fizeram uso da variante *ni* nas entrevistas gravadas. Considerando-se isoladamente os informantes selecionados pelo Varbrul, é constatado, por meio dos dados acima, que as ocorrências da variante *ni* variam de um falante para o outro. Os informantes “t”, “y” e “d”, como já foi citado, não fizeram uso da variante *ni* no momento da entrevista, mas em

conversa em que não havia a presença do gravador, foi constatada a presença de tal variante em suas falas, o que demonstra a consciência por parte desses informantes da carga estigmatizadora que a variante *ni* traz consigo, levando-os à monitoração da fala quando estavam sendo gravados.

7.2 Variáveis não selecionadas pelo *Varbrul*

Seguem as variáveis não selecionadas de acordo com a análise dos dados feita pelo programa *Varbrul*.

7.2.1 Função do sintagma preposicional e o condicionamento do NI

Tabela 7: Função do sintagma preposicional e o condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Adjunto	30/561	5%	
Complemento verbal	4/81	5%	
Complemento nominal	0/ 10	0%	

A variável <função do sintagma preposicional> constituiu um grupo de fatores levado em conta para a verificação dos condicionantes da ocorrência do *ni* nos dados em análise, mas o pacote *Varbrul* não selecionou tal variável. Foram poucas as ocorrências da variante *ni* diante de adjunto (5%), complemento verbal (5%), chegando a nenhuma ocorrência diante de complemento nominal. Portanto, a função do sintagma não é uma variável relevante no que se refere à análise de fatores que favorecem a utilização do *ni* por parte dos falantes analisados nesta pesquisa.

7.2.2 Escolaridade do informante e condicionamento do NI

Tabela 8: Escolaridade do informante e condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Nível fundamental	20/277	7%	
Nível médio	10/182	5%	
Nível superior	4/194	2%	
Total	34/653	5%	

A variável <escolaridade> não foi selecionada pelo programa de regras variáveis utilizado ao verificar-se o condicionamento do *ni*, como apontado nos dados da tabela 6. Os dados indicam que falantes que possuem os níveis Fundamental e Médio de escolaridade têm números próximos, como 7% e 5% de realizações, respectivamente. Os falantes com nível Superior tiveram 2% de realizações da variante *ni*, o que pode evidenciar uma maior tendência dos usuários da língua em monitorar a fala (e reduzir a presença do *ni*) à medida que têm maior acesso ao ensino institucionalizado. Vale ressaltar que foi observado pelo pesquisador maior ocorrência da variante *ni* na fala de alguns informantes do ensino superior quando não estavam sendo gravados, ocorrendo certo monitoramento da fala diante da presença do gravador. Dessa forma, fica constatado que a variável <escolaridade> não é uma variável relevante para a análise de fatores que favorecem a utilização do *ni* por parte dos falantes desta pesquisa.

7.3 Avaliação da variante *ni*: as impressões dos sujeitos

Seguem dados da avaliação dos sujeitos envolvidos na pesquisa relacionada à variante *ni*, em que serão destacadas algumas realizações linguísticas dos informantes e as respostas contidas no questionário, com suas respectivas análises.

I- Escolaridade: Ensino Fundamental

➤ Informante I: 27 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Num entrava *ni* sala de aula, aí mainha fez eu disistir.”

- “Porque eu te conheço como é que você é *ni* escola.”

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola

- Faixa etária: 36- 50 anos

- Gênero/sexo: Masculino e Feminino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“*Orrorozo* [...]”

A informante “I” foi a única informante que cursou o Ensino Fundamental a identificar o possível usuário da língua observada nas músicas do questionário como alguém que não frequentou a escola. A linguagem presente nas músicas, segundo a informante “I” é “*orrorozã*”. A própria grafia da palavra horrorosa por parte da informante não a coloca num lugar de prestígio linguisticamente falando. No entanto, sua fala é semelhante à linguagem das

músicas, inclusive com o uso da variante *ni*, mas a informante parece não ter consciência disso, e, ao ser solicitada a opinar sobre a atividade linguística do outro, a julga do lugar de prestígio, pois, embora use as estruturas linguísticas observadas nas músicas, sabe que o falar do outro (nesse caso, o sujeito das músicas) não condiz com o que lhe é apresentado na escola ou com a linguagem que escuta nos grandes telejornais, o que provavelmente admira. Define, pois, o sujeito das músicas como alguém que tenha o perfil contrário ao seu: nunca frequentou a escola, de faixa etária entre 36 e 50 anos, de qualquer um dos gêneros/ sexo e de origem rural.

➤ Informante r: 28 anos

• Alguns dados da entrevista com o falante::

- “Quando ela quer desabafar, ela vai lá *em casa*.”

- “De olho *ni* uns cursos técnicos...”.

• Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 21- 35 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona rural

• Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“É uma linguagem que retrata a experiência de vida (de) que(m) tem o nível de escolaridade médio. Meu comportamento de ver uma pessoa falando essa música seria de *dezaprovação*.”

A informante “r” apontou que o sujeito das músicas propostas no questionário cursou o Ensino Médio, de faixa etária entre 21 a 35 anos, do gênero/sexo masculino e de origem rural. A informante fez uso da variante *ni* em seus dados, e, apesar de ter cursado apenas o Ensino Fundamental, indicou que desaprova o comportamento linguístico observado nas músicas, mas que seria essa uma pessoa de nível Médio, nível de escolaridade maior que o da

informante. O fato de a informante ligar a atividade linguística das músicas à experiência de vida, ou seja, ao convívio social aponta certa consciência linguística, mas ao reprovar tal linguagem, percebe-se o preconceito linguístico, pois não é aquela realização linguística que ela acha bonita, que ela vê em lugares de prestígio social. A realização da palavra *dezaprovação* pela informante a situaria em um lugar que não seria de prestígio na sociedade, uma vez que foge à regra de prestígio linguístico.

➤ Informante x: 31 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Tantas custureira *ni* Conquista.”.

- “Passar dezembro, janeiro e fevereiro lá *em* Porto Seguro.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 10- 20 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Essas pessoas são alvo de preconceito por não falarem de acordo com o que a sociedade acha que é correto, mas *simplismente* não significa que está pessoa não tem estudo apenas um hábito do local onde a pessoa mora.”

A impressão da informante “x” em relação à linguagem das músicas é interessante e aponta o que de fato permeia a atividade linguística: o convívio social do falante. A informante não atrela a linguagem das músicas à escolaridade, mas ao “hábito local onde a pessoa mora”, indicando que pessoas que se comunicam da forma como é observado nas músicas “são alvo de preconceito por não falarem de acordo com o que a sociedade acha que é correto”. Porém a informante faz uso de estruturas linguísticas que seriam estigmatizadas

socialmente, o que possibilita dizer que o falante pode ter consciência do que é estigmatizado, mas, por mais que controle sua atividade linguística, suas experiências sociais são refletidas em seu comportamento linguístico. A informante “x” entendeu que o sujeito da linguagem observada nas músicas cursou o Ensino Médio, pertence à faixa etária de 10 a 20 anos, do gênero/sexo masculino e proveniente da zona rural.

➤ Informante e: 45 anos

• Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Pra ensinar as crianças *em casa*.”

- “Eu estudava *na* Petú à noite.”

• Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 36- 50 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona rural

• Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Eu achei muito brega [...]”

A informante “e” apontou que o sujeito da linguagem das músicas apresentadas cursou o Ensino Médio, de faixa etária entre 36 e 50 anos, do gênero/sexo masculino e de origem rural. A referida informante não utilizou a variante *ni* em seus dados gravados, e classificou a linguagem presente nas músicas como brega, interpretação imbuída de preconceito linguístico, pois o termo “brega” na sociedade é classificado como algo não prestigiado pela elite social.

➤ Informante k: 65 anos

• Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Ele levava o aparelho e fazia ultrassom *ni* mim lá.”.

- “É *ni* Vitória, Espírito Santo, né não?”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Superior

- Faixa etária: 21-35 anos

- Gênero/sexo: Masculino e Feminino

- Local de origem: Zona urbana

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“A pessoa que utiliza essa linguagem tem um certo estudo, não de médico, um estudo médio, tanto faz homem ou mulher, gente mais adulta. Não é linguagem que tem baixaria.”

Em conversa informal, chamou atenção o fato de a informante “k” achar a linguagem utilizada nas músicas muito bonita, lembrando-se de familiares seus que moravam na zona rural. Talvez por achar bonita, classificou a linguagem como sendo de pessoas que cursaram o Ensino Superior e moradoras da zona urbana, ao contrário da observação feita por escrito no questionário quanto à escolaridade do possível usuário da linguagem presente nas músicas. A informante ainda veiculou a linguagem das músicas a pessoas da faixa etária 21 a 35 anos, de ambos os gêneros/sexos. Assim, apesar de ter feito uso considerável da variante *ni* no momento da entrevista gravada, a informante delineou um perfil totalmente diferente do dela.

➤ Informante p: 66 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Eu não ouvi falar *ni* televisão, nem nada.”

- “Agora minha cunhada morava *ni* , como é que chama, Niterói.”

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Fundamental

- Faixa etária: acima de 51 anos

- Gênero/sexo: Feminino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

A informante registrou a interpretação da música, disse não conseguir registrar opinião a respeito da linguagem presente nas músicas.

Quanto à escolaridade, apenas a informante “p” apontou que esta seria uma fala própria de um indivíduo que cursou o Ensino Fundamental, mesma escolaridade que possui, o que pode apontar para uma provável identificação por parte da informante com a linguagem por ela analisada. A informante indicou ainda que a linguagem observada na música é própria de pessoas acima de 51 anos, gênero/sexo feminino, de origem rural, perfil que se assemelha ao da informante, que, na entrevista gravada, utilizou uma linguagem parecida com a linguagem presente nas músicas analisadas.

II-Escolaridade: Ensino Médio

➤ Informante i: 19 anos, Ensino Médio:

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Aí quando ele entrou *na* UFBA ele já tava terminando o doutorado.”.

- “Ele ir morar sozinho *em* Alagoas.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Fundamental

- Faixa etária: acima de 51 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Ambas as músicas mostram uma linguagem informal_muito utilizada na zona rural por pessoas que não tiveram acesso a uma boa educação.”

A informante “i” descreveu o perfil do sujeito da linguagem das músicas como alguém que cursou o Ensino Fundamental, de faixa etária acima de 51 anos, gênero/sexo masculino, de origem rural. Um perfil totalmente diverso da informante, que acredita que a linguagem utilizada nas músicas é informal, própria da zona rural. Tal observação leva a crer que a informante considera que pessoas da zona urbana são aquelas que utilizam a linguagem formal, presente nas Gramáticas Normativas, e que pessoas da zona rural não têm acesso à boa educação, aquela pautada nos moldes da escola tradicional, conforme a colocação da informante “i” leva a entender. A informante não fez uso da variante *ni* no momento da entrevista gravada.

➤ Informante b: 21 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Painho nem *ni* meu noivado foi, B.”

- “Já fui *em* Fortaleza, já fui *em* Salvador, Itacaré, fiquei *ni* Itacarezinho também.”

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola

- Faixa etária: 10- 20 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Pessoas sem conhecimento.”

A informante “b” afirmou em sua resposta sobre a linguagem utilizada nas músicas que se trata de uma linguagem própria de “pessoas sem conhecimento”, referindo-se, provavelmente, a pessoas que não frequentaram a escola. No entanto, a referida informante utilizou uma linguagem semelhante àquela presente nas músicas na entrevista gravada, e ela

cursou o Ensino Médio, o que diverge do que ela afirmou sobre a linguagem das músicas. A informante afirma ainda que a linguagem das músicas remete a uma pessoa do gênero/sexo masculino, pertencente à faixa etária entre 10 e 20 anos, proveniente da zona urbana, outro perfil delineado que indica o emprego da linguagem pelos sujeitos de forma inconsciente, por mais que haja o esforço em monitorar-se no intuito de utilizar-se da linguagem padrão.

➤ Informante h: 34 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Agora mesmo *ni* biomedicina ele tava bestinha, num tava?”

- “Eu até falei *em* levar, mas o pai dele não deixava.”

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Fundamental

- Faixa etária: 36-50 anos

- Gênero/sexo: Masculino e Feminino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Uma pessoa com pouca cultura (...)”.

A informante “h”, que cursou o Ensino Médio e apresentou linguagem semelhante àquela presente nas músicas por ela analisadas no momento da entrevista gravada, afirmou em sua análise que as letras das músicas remetem a uma pessoa que cursou apenas o Ensino Fundamental e “com pouca cultura”, o que aponta certa reprovação da linguagem analisada por parte da informante “h”. A informante ainda considera que se trata de alguém entre 36 e 50 anos, independente do gênero/sexo, proveniente da zona rural, perfil diverso da informante “h” a qual se utiliza da linguagem observada nas músicas, inclusive com o uso da variante *ni*.

➤ Informante w: 35 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “M. mora *no* fundo do shopping.”.

- “Hoje quem faz seus investimentos *em* você.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola

- Faixa etária: 10-20 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Na minha opinião, ele não teve oportunidade de estudar, convive com pessoas sem entendimento e sem cultura. Vive em lugar periférico. Onde existe(m) pessoas que não quer(em) nada.”

A informante “w” não fez uso da variante *ni* durante a entrevista gravada para a análise dos dados. Ela considera que o sujeito da linguagem utilizada nas músicas é própria de pessoas que não frequentaram a escola e ainda convivem com indivíduos “sem entendimento e sem cultura”, moradores de lugares periféricos, segundo ela, “que não quer(em) nada”, ou seja, não procuram progredir, no sentido de ocupar um lugar de *status* na sociedade em que vivem. Ainda considera que pessoas do gênero/sexo masculino e provenientes da zona urbana que se utilizam da linguagem analisada. Uma observação importante é que a informante “w” mora em um trecho periférico de um bairro em Vitória da Conquista.

➤ Informante g: 47 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Fazer uma casa pra mim lá *no* Poço escuro.”.

- “Cada um chega lá *em* casa.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: Todas as faixas etárias

- Gênero/sexo: Masculino e Feminino - Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Reflete o nível de conhecimento da população que não teve acesso à educação, não por interesse próprio, mas pela falta de oportunidade.”

A informante “g” indicou que o perfil do sujeito usuário da linguagem das músicas seria alguém que cursou o Ensino Médio, independente de gênero/ sexo e faixa etária, de origem rural. Quanto à opinião sobre tal linguagem, a informante a veiculou à uma pessoa que não teve acesso à educação, o que permite a afirmação de que considera a linguagem da música deficiente, pois entendeu que faltou algo ao usuário para que ele se comunicasse daquela forma.

➤ Informante o: 57 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Ela foi pra São Paulo e ficava só *ni* pizza.”.

- “Eu sou besta demais, o povo me passa as perna *ni* mim.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 36-50 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“A linguagem é de uma pessoa de mais idade, da zona rural, nível de escolaridade médio e é uma pessoa bem vi(s)ta na sociedade.”

A informante “o” indicou que o perfil do sujeito usuário da linguagem das músicas seria alguém que cursou o Ensino Médio, do gênero/sexo masculino, pertencente à faixa etária de 36 a 50 anos, proveniente da zona rural. Quanto à opinião sobre tal linguagem, a informante fez um observação interessante, divergente das colocações das informantes com o mesmo grau de escolaridade dela: não veiculou a idade avançada, o grau de escolaridade

Ensino Médio e a zona rural ao desprestígio social; ao contrário, afirmou que pessoas com esse perfil, que utilizam a linguagem semelhante à presente nas músicas, são pessoas bem vistas na sociedade. A informante “o”, no momento da entrevista gravada, utilizou-se de linguagem semelhante àquela empregada nas músicas, com presença da variante *ni*, mas é cozinheira e costureira, profissões que não têm prestígio social.

III- Escolaridade: Ensino Superior

➤ Informante d: 27 anos

• Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Eu estagiei *no* Ensino Fundamental.”.

- “Eu estava *nesse* cursinho pra fazer o vestibular.”.

• Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola

- Faixa etária: 21- 35/ 36-50 anos

- Gênero/sexo: Ambos

- Local de origem: Zona urbana

• Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“(...) linguagem de senso comum, demonstrando um *exacerbamento* cultural, mostrando a cara da/ ou social onde o indivíduo está inserido (ambiente urbano).”

A informante “d” não fez uso da variante *ni* na entrevista gravada antes da aplicação do questionário. Ela descreveu o possível usuário da linguagem presente nas músicas como alguém que não frequentou a escola, de idade entre 21 e 50 anos, independente do gênero/sexo, de origem urbana. A informante afirmou que essa é uma linguagem de senso comum, talvez querendo dizer que é uma linguagem do povo, demonstrando grande carga cultural, reflexo do ambiente onde o indivíduo está inserido, destacando a ligação entre a linguagem do indivíduo e o lugar onde estabelece as mais diversas relações.

➤ Informante j: 28 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Ela *ni* uma semana resolveu sair.”

- “*Ni* um lugar”

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 21- 35

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Pessoa com nível social baixo, trabalhador rural ou que teve convívio com o campo.”

A informante “j”, que fez uso da variante *ni* durante entrevista gravada para coleta de dados da presente pesquisa, atrelou a linguagem observada nas músicas que analisou a pessoas pertencentes às classes sociais menos favorecidas, que considera ser moradores do campo ou que tenha contato com pessoas da zona rural. Ainda destaca que os usuários da linguagem das músicas são sujeitos que cursaram o Ensino Médio, pertencentes à faixa etária de 21 a 35 anos, gênero/sexo masculino, de origem rural.

➤ Informante t: 31 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “*Em* novembro, eu vou viajar com minha esposa.”

- “Eu tava com vontade de ir *na* Canção Nova.”

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola

- Faixa etária: Todas as faixas etárias

- Gênero/sexo: Masculino e Feminino - Local de origem: Zona rural

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“A linguagem utilizada reflete um costume ou falta de leitura. Quando trato de costume digo que a pessoa que vive em determinada região que tem sotaques diferentes e o costume de *está* sempre falando com pessoas que usam a mesma forma de linguagem entre si, se acostumando a falar de forma simples. E a falta de leitura impede que se *familiarizer* com as palavras escritas corretamente.”

A informante “t” afirma que a linguagem utilizada nas músicas é própria de pessoas que não têm acesso à leitura e utilizam pelo costume, provavelmente em seu convívio social, considerando tal linguagem como simples. A informante afirma que a falta de leitura impede que a pessoa tenha contato com palavras escritas corretamente, o que destaca a importância dada pela informante à linguagem conforme a Gramática Tradicional. Para a informante “t”, a linguagem presente nas músicas é própria de pessoas que não frequentaram a escola, independente da faixa etária e do gênero/sexo, moradoras da zona rural.

➤ Informante y: 34 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

- “E. deu uma aula sozinho *em* uma turma.”

- “Sabe mexer *nos* jogos.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 21-35 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Acredito que a linguagem utilizada representa o local onde a pessoa vive. Representa a localidade, o modo de falar do local onde a pessoa mora.”

A informante “y” acredita que a linguagem presente nas músicas por ela analisadas relaciona-se a pessoas que cursaram o Ensino Médio, de faixa etária entre 21-35 anos, gênero/sexo masculino, morador da zona urbana. A informante relaciona a linguagem de um indivíduo à comunidade onde vive, como se o modo de falar de uma pessoa fosse a identidade de um lugar, o que fica bem claro quando a informante destaca que a linguagem “representa” uma localidade.

➤ Informante u: 46 anos

• Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Eu sonhava *em* fazer Letras.”.

- “Já chegou uma mãe querendo bater *na* professora.”.

• Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Superior

- Faixa etária: 10-20/ 21-35 anos

- Gênero/sexo: Masculino e Feminino

- Local de origem: Zonas urbana/ rural

• Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“(...) acho (que) a linguagem é natural, até divertida.”

A informante “u” acredita que a linguagem presente nas músicas por ela analisadas relaciona-se a pessoas que cursaram o Ensino Superior, de faixa etária entre 10 e 35 anos, independente do gênero/sexo e da parte do município onde moram. O fato de considerar a linguagem como natural remete à linguagem utilizada no dia-a-dia, mas o fato de encará-la como divertida soa como algo pejorativo.

➤ Informante z: 47 anos

• Alguns dados da entrevista com o falante:

- “Dei logo uma comida de rabo *ni* B. pra ele aprender.”.

- “Aqui *em* Conquista tá falando que tem AIDS.”.

- Opinião do falante quanto ao perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 21-35 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“A linguagem utilizada nas músicas é própria de pessoas que, mesmo conhecendo a gramática normativa, usam uma linguagem do meio social no qual estão inseridas. O meio social onde a fala coloquial é uma constante de bairros periféricos das cidades, onde os seus moradores são assalariados, mendigos, traficantes, meninos de rua, pessoas com escolaridade incompleta e até mesmo de pessoas que, mesmo com escolaridade acabam assimilando o modo de falar da maioria dos falantes.”

A informante “z”, atrela a linguagem utilizada nas músicas ao meio social onde vivem, enfatizando que mesmo conhecendo a Gramática Tradicional, fazem o uso da língua como reflexo das relações sociais que estabelece. Mas destaca que pessoas que destoam da Gramática Tradicional são moradoras de bairros periféricos, de nível social baixo, “mendigos, traficantes, meninos de rua, pessoas com escolaridade incompleta”, o que reforça sua posição preconceituosa em relação ao uso da língua. Ao fim do depoimento escrito, talvez uma tentativa de disfarçar o (mau) juízo que faz de pessoas que não utilizam a língua como prescrita nos manuais, afirma que mesmo pessoas que têm acesso à escola, fazem uso da linguagem informal pelo contato com a maioria dos falantes, os quais a informante parece acreditar que não tiveram contato com a educação institucional. Indica, porém, que a linguagem observada nas músicas relaciona-se a pessoas que cursaram o Ensino Médio, faixa etária entre 21 e 35 anos, do gênero/sexo masculino e morador da zona urbana.

O fato de a maioria dos informantes, apesar da presença da variante *ni* em suas entrevistas gravadas, julgarem de forma negativa o uso de tal variante (e aqueles que a usam) é uma constatação desta pesquisa que vai ao encontro do que é afirmado em estudos considerando as atitudes dos falantes diante de dados linguísticos marcados por variação, feitos por Lambert (*apud* WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 102): “os correlatos

subjetivos da alternância de linguagem revelam ser mais uniformes que o próprio comportamento”.

É possível afirmar que a mudança não poderia ocorrer, dentre outros fatores, por conta da avaliação dos falantes, retomando-se aqui o problema da avaliação citado por Labov, já discutido no capítulo três deste escrito. Fica claro, nas análises dos dados apresentadas neste capítulo, que um valor social negativo é atribuído ao uso da variante *ni*, uma vez que, mesmo fazendo uso da variante, talvez inconscientemente, alguns informantes são taxativos ao “enquadrar” usuários de uma linguagem em que o *ni* figura como pertencentes à extratos da sociedade menos prestigiados.

Outro fator que, segundo Labov (2008) gera mudança, é o fato de que a variável linguística torna-se uma das formas que definem a comunidade de fala e seus membros, os quais reagem de forma uniforme em relação à realização da língua. Isso é favorecido pelo alcance da mudança linguística atrelada aos seus valores associados. A variável, dessa forma, define-se como um *estereótipo* e exhibe o fenômeno da variação linguística. Justamente por a maioria dos informantes desta pesquisa, pertencente à comunidade conquistense, considerar a variante *ni* como não pertencente à fala prestigiada no seio social, é que a avaliação de seu uso seja negativa, o que coopera para o uso expressivamente menor em relação à variante *em* na cidade de Vitória da Conquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] vemos uma sociedade movendo-se rumo a uma diversidade linguística maior entre os subgrupos que estão em estreito contato e que, de fato, compartilham um conjunto comum de normas linguísticas. (LABOV, 2008, p.188)

Labov sempre propôs o entendimento dos mecanismos da língua aliado ao estudo do contexto social, e uma das questões por ele levantadas diz respeito ao lugar da variação social, em que o linguista destaca o social como traços da língua que caracterizavam subgrupos componentes de uma sociedade heterogênea. Pode-se perceber, ao fim desta pesquisa, que esses traços estão cada vez mais “esmiuçados”, pois a sociedade de agora está muito mais fragmentada que a sociedade dos idos anos 60 do século passado, momento auge das reflexões sociolinguísticas de Labov. Mas a variação social e estilística persiste da mesma forma colocada por Labov ainda em meados do século XX, considerando-a uma forma de dizer uma mesma coisa de modos diferentes, modos esses que são opostos, porém, em sua significação social. Uma vez que este trabalho abordou as implicações linguísticas e extralinguísticas que se relacionavam ao uso da variante *ni* em Vitória da Conquista- BA, seguem as conclusões acerca das análises dos dados coletados.

A respeito dos fatores linguísticos, têm-se as seguintes conclusões: sintagmas preposicionais sem elementos nominais posteriores à posição da preposição são grandes favorecedores do uso da variante *ni*, seguidos pela presença dos pronomes possessivos, sendo o artigo um inibidor do uso da variante; quanto ao valor semântico do sintagma, a análise dos dados apontou que a categoria tempo é a grande favorecedora do uso da variante em questão; sintagmas femininos favorecerem o emprego da variante *ni* pelos falantes desta pesquisa, conclui-se que as categorias da variável <gênero do sintagma> concorrem para a ocorrência da referida variante; considerando-se a função do sintagma, essa variável não demonstrou ser relevante para a observação da ocorrência da variante *ni* nos dados dos falantes da pesquisa.

Sobre os fatores sociais e a variante *ni* na comunidade conquistense, foram obtidos os seguintes resultados: o fator escolaridade, apesar de não ter sido selecionado pelo *Varbrul*, mostra dados interessantes relacionados à variante *ni*, uma vez que: dos 6 informantes que cursaram o Ensino Fundamental, apenas 1 informante não fez uso de tal variante; dos 6

informantes que cursaram o Ensino Médio, o uso da variante *ni* foi constatado na fala de 3 informantes; dos 6 informantes que cursaram o Ensino Superior, apenas 2 fizeram uso da variante *ni*, o que confirma uma hipótese deste trabalho, de que o mais escolarizados façam menos uso da variante *ni*, graças ao efeito das instituições escolares diante das falas populares. Vale ressaltar, porém, que a monitoração da fala frente ao gravador, outra decorrência indireta do fator escolaridade, foi percebida nas entrevistas de alguns dos informantes de nível Superior, uma vez que, em conversas não gravadas, notou-se o uso considerável da variante *ni* por parte desses informantes, fator que pode ser atribuído à possível consciência por parte do falante de a variante *ni* não ser contemplada pelas normas aplicadas na escola, representando um fator estigmatizante do indivíduo na sociedade em que vive; considerando os resultados sob a ótica do tempo aparente, ou seja, ao longo das dimensões formadas por faixas etárias dos informantes em questão (Cf. LABOV, 2008), tem-se um resultado interessante: o número de informantes da faixa etária 1 (15-29 anos) que faz uso da variante *ni* é de 4 pessoas, num total de 6, número que decresce ao se considerar a faixa etária 2 (30- 45 anos), em que apenas 2 pessoas usam a variante *ni* na atividade comunicativa, havendo um crescimento no número de pessoas que utilizam o *ni* ao se considerar a faixa etária 3 (46- 70 anos), em que novamente 4 pessoas, entre as 6 analisadas, fazem uso da variante *ni*. É possível inferir que os falantes da faixa etária 3 também faziam uso da variante *ni* quando pertenciam à faixa etária 1, sendo que, graças a interferências, diminuíram o uso da variante na faixa etária 2, uso que cresceu novamente na faixa etária 3, o que poderia relacionar-se a fases pretéritas da comunidade em que essa forma fosse de uso considerável em relação ao presente, uma hipótese inicial deste trabalho. O fato de as 4 pessoas da faixa etária 3 terem usado em maior número a variante *ni*, quando somados os seus dados, em comparação ao dados somados do uso da mesma variante por parte dos usuários da faixa etária 1, permite confirmar outra hipótese da pesquisa, de que a variante *ni* é mais recorrente na fala de indivíduos mais velhos.

No que diz respeito às impressões dos sujeitos, é possível afirmar que a variante *ni* é alvo de estigmatização. Fica evidente nas opiniões dos informantes sobre a linguagem das músicas propostas, em que a variante *ni* estava presente de forma considerável, que os sujeitos não se dão conta do uso que fazem dessa variante, julgando o possível usuário da linguagem observada nas músicas como pertencentes a um grupo não privilegiado da sociedade, sem acesso à escola, moradores de bairros periféricos, assalariados e até mendigos, apesar de a

maioria dos informantes (10) terem usado da variante *ni* durante entrevista gravada. Mesmo o único usuário que cursou o Ensino Superior e fez uso da variante *ni* aponta ser a linguagem a ela apresentada nas canções própria de pessoas com pouca escolaridade, o que não condiz com a realidade desse informante, uma pessoa que tem o nível Superior de escolaridade e cursa pós-graduação atualmente. Parece, assim, que os usuários pensam utilizar uma forma prestigiada da língua, uma vez que mesmo aqueles informantes que têm consciência de que há uma forma linguística exigida para se ser valorizado socialmente, não se incluem como falantes de uma variante estigmatizada.

Por isso, é evidente que a dinamicidade da língua não dialoga com os critérios essencialistas (generalistas) que particularizam os estratos sociais ao definir-se o perfil linguístico do falante que compõem cada um deles, não considerando, pois, a diversidade. A descentração do sujeito proposta por Hall (2011) é resultado das mudanças cada vez mais rápidas próprias de uma sociedade caracterizada pelo avanço tecnológico na área da comunicação e pela conseqüente globalização que tais melhorias proporcionam a todo o mundo. Tem-se, assim, um sujeito sociológico que cada vez mais precisa interagir como tudo e com todos para efetivamente pertencer à sociedade mundial. E, uma vez que os acontecimentos e os comportamentos transformam-se de forma rápida e ininterrupta, e do mesmo modo se popularizam por todo o mundo, há a mudança do lugar social e cultural do indivíduo, o que o proporciona “frequentar” os mais diversos campos sociais, mesmo que por momentos, apresentando a esse sujeito experiências que se instaurarão em seu interior. Porém, apesar do indivíduo vivenciar experiências nos mais diversos campos sociais, é o imposto pela cultura dominante que o deslumbra a fim de filiar-se a tal grupo, e suas opiniões, ao contrário de suas experiências, são norteadas pelos preceitos da cultura dominante, propiciando muito mais que o preconceito linguístico, mas um preconceito social.

As poucas ocorrências da variante *ni* (34/399) apontam que, atualmente, não há indicativos de mudança, em que tal variante se sobreporia à variante *em*, sua concorrente na batalha que corresponde ao processo variação - mudança. Os resultados das análises dos fatores linguísticos e extralinguísticos, associados ao uso da variante *ni*, confirmam, portanto, a tese elaborada por Labov (2008) referente aos mecanismos de variação e mudança linguística, já que a variação observada mostra-se relacionada a pressões internas estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Preconceito Linguístico- o que é, como se faz**. 52^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14^a ed. Trad. Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a edição revista, ampliada e atualizada conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolinguística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. *In*: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 7.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CUNHA, Celso; CUNHA, Lindley. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. Terceira edição revista. Nova apresentação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Coleção Signos. Lisboa: Edições 70, 1980. Acesso em 19 jan. 2013.

FERRARI, Lilian Vieira. **Varição e cognição: o caso das preposições em e ni no Português do Brasil.** Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/261/274>> Acesso em: 17 ago. 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade.** 11^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Norma da Silva; BAXTER, Alan N.. **O ni no lugar de em, no, na etc. na fala dos Tongas.** Disponível em: <http://www.google.com.br/#q=as+preposi%C3%A7%C3%B5es+africanas&hl=ptBR&biw=1258&bih=527&rlz=1R2ADFA_ptBRBR413&prmd=ivns&ei=dZYzTaqoLISdlgeQ1ezCQ&start=20&sa=N&fp=ef4aad7a51265d85> Acesso em: 29 set. 2011.

MAPA da cidade de Vitória da Conquista. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista> Acesso em: 24 ago. 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-14.

_____. Relevância das variáveis não linguísticas. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 27-31.

NARO, AnthonyJulius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Adelaide A. P. de. **O conceito de cultura e a identidade do falante de L2.** Salvador, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. **Preconceito linguístico, variação e o papel da universidade.** In: Dossiê: Preconceito Linguístico e cânone literário. Cadernos de Letras da UFF, n 36, p. 115- 129. Rio de Janeiro, 2008.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética.** São Paulo: Parábola, 2003.

SALGADO, Solyany Soares. **Ciência Linguística: da origem saussureana ao percurso sociolinguístico**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7110>> Acesso em: 17 ago. 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Maria Lúcia da Silva. **A Linguística e a Sociolinguística numa perspectiva brasileira**. Disponível em: <<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/index/index>> Acesso em: 17 ago. 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069> Acesso em: 05 ago. 2012.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 18 ago. 2012.

<http://www.pmvc.gov.br/v1/conteudo/9/historia.html> Acesso em: 18 ago. 2012.

APÊNDICE A - Chave de codificação dos dados

- 1) **N:** *ni*
E: *em*

- 2) **Classe do Elemento posterior**
A: com artigo
D: com pronome demonstrativo
P: com pronome possessivo
X: com pronome pessoal
0: sem determinante

- 3) **Valor semântico do sintagma**
T: tempo
L: lugar concreto
V: lugar virtual ou abstrato
S: ser vivo
I: instrumento
C: circunstância
B: nome abstrato
O: outro

P: partes do corpo

4) Gênero do sintagma

F: diante de nome feminino

M: diante de nome masculino

5) Função do sintagma

c: Complemento verbal

n: Complemento nominal

a: Adjunto

6) Idade do informante

1- 15- 29

2- 30- 45

3- 46- 70

7) Escolaridade

f- Fundamental

m- Médio

s- Superior

8) Informante

b: participante

j: participante

h: participante

t: participante

y: participante

k: participante

e: participante

w: participante

p: participante

z: participante

x: participante

d: participante

i: participante

l: participante

g: participante

r: participante

u: participante

o: participante

APÊNDICE B – Ficha do informante



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS / PPGEL

Ficha do Informante

Dados pessoais do informante_____:

01. Nome: _____

02. Idade: _____ 03. Data de nascimento: _____

04. Gênero/Sexo M () F ()

05. Endereço: _____

06. Estado civil: a) solteiro () b) casado () c) viúvo () d) () outro

07. Naturalidade: _____

08. Domicílios e tempo de permanência fora da localidade:

09. Escolaridade:

() Não frequentou a escola () Ensino Fundamental

() Ensino Médio () Ensino Superior

10. Naturalidade:

a) da mãe: _____ b) do pai: _____ c) do cônjuge: _____

11. Escolaridade dos pais

() Não frequentou a escola () Ensino Fundamental

() Ensino Médio () Ensino Superior

Contatos com meios de comunicação

12. Assiste a TV? a) todos os dias () b) às vezes () c) nunca ()
13. Programas preferidos:
a) novelas () b) esportes () c) noticiários () d) outros _____
14. Ouve rádio?
a) Todos os dias () b) às vezes () c) nunca () d) parte do dia ()
15. Lê Jornal?
a) todos os dias () b) às vezes () c) nunca () d) raramente ()
16. Nome do jornal: _____ a) local () b) estadual () c) nacional ()
17. Lê revista? a) todos os dias () b) às vezes () c) nunca () d) raramente ()

Para Preenchimento após a entrevista:

18. Características psicológicas do informante:
a) tímido () b) vivo () c) perspicaz () d) sarcástico
19. Espontaneidade da elocução
a) Total () b) grande () c) média () d) fraca ()
20. Postura do informante durante o inquérito:
a) cooperativa () b) não cooperativa () c) agressiva () d) indiferente ()
21. Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:
a) Grande () b) médio () c) pequeno () d) nenhum ()
22. Interferência ocasional de circunstâncias:
a) sim () b) não ()
23. Caracterização sumária do(s) circunstante(s):

24. Ambiente do inquérito: _____
25. Observações: _____
26. Nome do entrevistador: _____
27. Data da entrevista: _____
28. Local: Vitória da Conquista-BA

APÊNDICE C - Questionário aplicado junto aos informantes



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I

CURSO DE MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS / PPGEL

QUESTIONÁRIO

INFORMANTE _____

1. Observe as letras de música abaixo e responda as questões que seguem:

Tarado Ni Você¹
Caetano Veloso

Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado, tarado
Tarado
Tarado ni você
Tarado ni você
Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado
Tarado ni você
Tarado ni você

Ni mim
No carnaval
Ni tudo
Ni todo mundo nú
Deixa eu gostar de

Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado, tarado
Tarado
Tarado ni você
Tarado ni você
Ni todo mundo nú
Deixa eu gostar de você

Nesta Casa Tem Goteira²
Sérgio Reis

Nesta casa tem goteira
Pinga ni mim, pinga ni mim, pinga ni mim (bis)
Lá no bairro onde eu moro
Tem alguém que eu adoro
Ela é minha ilusão
Pra aumentar meu castigo
Meu amor brigou comigo.
Me deixou na solidão
Por incrível que pareça
Ela fez minha cabeça
Estou morrendo de paixão
Pra curar o meu despeito
Vou meter pinga no peito
Sufocar meu coração
Nesta casa tem goteira
Pinga ni mim, pinga ni mim, pinga ni mim (bis)
Eu estou apaixonado, muito doido inciumado,
Daquela linda mulher,
Meu sentimento é profundo,
Não quero nada no mundo se ela não me quiser.
Estou amando demais
Esquecê-la não sou capaz,
Eu preciso dar um jeito.
Se eu vejo em outros braços,
Vou fazer um tal regaço
E meter pinga no meu peito

¹ Disponível em < <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/1306533/>> Acesso em: 01 de outubro de 2011

² Disponível em < <http://letras.terra.com.br/sergio-reis/103205/>> Acesso em: 01 de outubro de 2011

